

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

Miriam de Oliveira

***Black Gospel: Um Estudo Etnomusicológico com o Grupo Family Soul do
Rio Grande do Sul***



Porto Alegre

2018

Miriam de Oliveira

***Black Gospel: Um Estudo Etnomusicológico com o Grupo Family Soul do
Rio Grande do Sul***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Música, área de concentração Etnomusicologia/Musicologia.

Orientadora: Dr^a. Maria Elizabeth Lucas

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Miriam de
Black Gospel: Um Estudo Etnomusicológico com o
Grupo Family Soul do Rio Grande do Sul / Miriam de
Oliveira. -- 2018.

104 f.

Orientador: Maria Elizabeth da Silva Lucas.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de
Pós-Graduação em Música, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Gospel. 2. Etnomusicologia. 3. Performance. 4.
Identidade. 5. Rio Grande do Sul. I. Silva Lucas,
Maria Elizabeth da, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Miriam de Oliveira

***Black Gospel: Um Estudo Etnomusicológico com o Grupo Family Soul do
Rio Grande do Sul***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Música, área de concentração Etnomusicologia/Musicologia.

Banca Examinadora:

.....
Profª Drª Maria Andrea Soares Santos- UNILAB

.....
Profª. Drª. Any Raquel Souza de Carvalho- UFRGS

.....
Prof. Dr. Reginaldo Gil Braga - UFRGS

.....
Profª. Drª. Maria Elizabeth da Silva Lucas (Presidente da Banca) - UFRGS

Dissertação defendida e aprovada no dia 20.06.2018

Porto Alegre, de de

Porque d'Ele, e por Ele, e para
ele são todas as coisas; glória, pois, a Ele
eternamente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, à minha mãe pelo apoio e por sonhar os meus sonhos, à minha irmã Madalena por interceder a Deus para que permanecesse firme até o fim, ao meu irmão Ezequiel (*in memoriam*) por incentivar minha formação e ingresso no mestrado, ao meu irmão Isaac pelo apoio, meus cunhados e sobrinhos pela torcida - em especial ao meu sobrinho Matheus, que esteve em alguns momentos em campo comigo, como fiel companheiro.

Agradeço à minha orientadora professora Maria Elizabeth Lucas por confiar e acreditar na realização deste trabalho e compartilhar de sua rica experiência para o desenvolvimento da minha formação.

Agradeço aos professores Reginaldo Braga e Luciana Del-Ben pelas importantes contribuições.

Agradeço à professora Maria Andrea Soares por compartilhar o entendimento e estudos da diáspora negra, e suas experiências em pesquisa etnográfica.

Agradeço ao amigo etnomusicólogo Pedro Acosta que foi um forte encorajador em todo o processo de realização deste trabalho, contribuindo com questionamentos e reflexões importantes.

Agradeço aos colegas Gilson, Roger, Caetano e Paulo pelas reflexões construídas no grupo de estudos.

Agradeço ao grupo Family Soul por aceitarem a realização da pesquisa, compartilhando suas histórias e permitindo que fizesse parte de suas vidas.

Agradeço a Deus por esta realização e por colocar todas estas pessoas na minha trajetória.

RESUMO

A presente dissertação é fruto da pesquisa de campo realizada com o grupo musical *Family Soul* na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Negros evangélicos, eles desenvolvem há mais de dez anos a prática musico-performática de pertencimento étnico-racial na liturgia dos cultos de diferentes denominações evangélicas da capital e região metropolitana. Com uma abordagem qualitativa e método etnográfico refletimos sobre os processos de construção étnico-racial, mediados pela música, no contexto evangélico. Este trabalho foi desenvolvido através da vivência em campo, percebendo através da música as conexões que estabelecem as dinâmicas do grupo e as interações em cultos evangélicos. O trânsito dos interlocutores em diferentes denominações evangélicas, a comunicação com a cultura musical afro-americana e com os universos da música *gospel*, mediado pelos meios de comunicação, forjaram novas formas de se relacionar com a música e atuar com esta musicalidade no contexto evangélico.

Palavras-chave: Black; gospel; Etnomusicologia; Performance; Rio Grande do Sul; Identidade

ABSTRACT

This ethnomusicological study is the result of a research carried out with the Family Soul group in the state of Rio Grande do Sul. Black Christians develop a performance-musical practice of ethnic-racial belonging the liturgy of cults of different evangelical denominations. With a qualitative approach and ethnographic method, we reflect on the processes of ethno-racial construction mediated by music in the evangelical context. This work was developed through the experience in the field, perceiving musical connections that establish the dynamics of the group and the interactions in evangelical cults. The flow of interlocutors in different evangelical denominations, communication with Afro-American musical culture and the universes of gospel music, mediated by the media, forged new ways to relate to music and to act with this musicality in the evangelical context.

Keywords: Black; gospel; Ethnomusicology; Performance; Rio Grande do Sul; Identity

LISTA DE FIGURAS

CAPA – Grupo Family Soul

FIGURA 1- Bairro Rubem Berta

FIGURA 2- Vilas do Bairro Rubem Berta

FIGURA 3 – Grupo Family Soul

FIGURA 4 - Foto de Eliézer

FIGURA 5- Logotipo da COGIC Alvorada

FIGURA 6- Foto do grupo *Family Soul* publicada na página do grupo

FIGURA 7- Single A Maior Obra

FIGURA 8- Foto do Ensaio realizado no dia 19/10/2016

FIGURA 9- Foto do Ensaio realizado no dia 19/10/2016

FIGURA 10- Foto do Ensaio realizado no dia 24/06/2017

FIGURA 11- Foto de Valéria Antunes divulgada na página do grupo

FIGURA 12- Foto de Jessé Ramos, baterista do grupo *Family Soul*

FIGURA 13- Foto de Fabrícia Contralto do grupo *Family Soul*

FIGURA 14- Foto de Jedielson contrabaixista do grupo *Family Soul*

FIGURA 15- Foto de Eliézer Félix idealizador do grupo *Family Soul*

FIGURA 16- Gravação da Canção Doce Som

FIGURA 17- Programa Hip Hop TVE

FIGURA 18- Espaço externo do estúdio TVE

FIGURA 19- Concerto Ébano e Marfim 2013

FIGURA 20- Igreja Assembleia de Deus do Avivamento

FIGURA 21- Igreja Assembleia de Deus do Avivamento, momento do louvor

FIGURA 22- Participação do grupo *Family Soul* no louvor congregacional da Igreja Assembleia de Deus do Avivamento

FIGURA 23- Divulgação do Evento divulgada na página do grupo

FIGURA 24- Encontro de Bandas igreja Essência do Amor

FIGURA 25- Encontro de bandas cantor R7 e instrumentistas da banda *Family Soul*

FIGURA 26- Primeiro Aniversário da COGIC Luz do Mundo

FIGURA 27- Participação do *Family Soul* no primeiro aniversário da COGIC

FIGURA 28- Family Soul e o Bispo Ivo no primeiro aniversário da COGIC de Alvorada

FIGURA 29- Igreja Batista da Zona norte de Porto Alegre

FIGURA 30- Participação do grupo *Family Soul* na BZN

FIGURA 31- Logotipo do grupo *Family Soul*

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Censo IBGE 2010- Preto

Quadro 2- Censo IBGE 2010- Pardo

LISTA DE AUDIOVISUAIS

VÍDEO 1-Family Soul no hospital com Eliezer Felix

VÍDEO 2-Eliézer Felix- depoimento publicado em fevereiro de 2016

VÍDEO 3-Ensaio do grupo Family Soul

VÍDEO 4-RM Soul, Contigo eu tenho paz

VÍDEO 5-Assembleia de Deus Avivamento

VÍDEO 6-Encontro de bandas igreja Essência do Amor

VÍDEO 7-Aniversário COGIC

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1. À PROCURA DO BLACK <i>GOSPEL</i> | 28 |
| 1.1 Family soul e o black <i>gospel</i> do sul..... | 31 |
| 1.2 Ensaaios..... | 41 |
| 2. HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS..... | 48 |
| 2.1 Etnografia da alma..... | 48 |
| 2.2 Lembranças..... | 59 |
| 3. FAMILY SOUL E INTERAÇÕES MUSICAIS..... | 63 |
| 3.1 Eu danço como Davi: performance musical e desempenho participativo..... | 64 |
| 3.2 Cantando para o céu: modo negro de adorar | 73 |
| 3.3 O som pentecostal..... | 79 |
| 3.4 Performance negra de adoração e receptividade | 83 |
| 4. COSMOVISÃO CRISTÃ E CULTURAS MUSICAIS NEGRAS..... | 88 |
| 4.1 O que diz nosso som..... | 89 |
| 4.2 Cultura musical negra e a prática da fé | 93 |
| 4.3 Musicalidade com liberdade do Espírito Santo | 94 |
| REFLEXÕES FINAIS | 96 |
| REFERÊNCIAS..... | 99 |
| GLOSSÁRIO..... | 102 |

INTRODUÇÃO

A presente dissertação é fruto da pesquisa de campo realizada com o grupo musical *Family Soul* na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Negros evangélicos, eles desenvolvem há mais de dez anos a prática musico-performática de pertencimento étnico-racial na liturgia dos cultos de diferentes denominações evangélicas da capital e região metropolitana.

Minha vivência no meio evangélico aconteceu desde a infância. Tenho lembranças da minha primeira igreja, denominada Concílio das Assembleias de Deus, um templo pequeno situado no bairro Rubem Berta Zona norte de Porto Alegre, onde eu, minha mãe, e meus irmãos, congregavam. Minha família ainda recorda do dinamismo daquele grupo de pessoas, do coral jovem que era convidado para cantar em outras igrejas, dos concursos entre corais e da unidade que tinham com outras denominações evangélicas. Esta igreja, depois de um tempo, foi vendida, com seus membros, para a igreja Batista Filadélfia, onde as dinâmicas e costumes eram outras, e depois de dois anos minha família migrou para a igreja Assembleia de Deus.

A igreja Assembleia de Deus foi fundada no Rio Grande do Sul por suecos, e naquela época na década de 80, era o missionário Nils Taranger, que pastoreava as igrejas em Porto Alegre. Cada zona de Porto Alegre era subdividida em distritos. Cada distrito era responsável por algumas congregações. O meu distrito, que tinha sete congregações nas vilas ao redor, estava sob a responsabilidade do pastor Olivério Cruz, que morava na comunidade e se dedicava exclusivamente para a igreja. Para cada atividade da igreja, formava-se um departamento específico, com líderes responsáveis pela organização. Então tínhamos o departamento de louvor que planejava tudo que fosse relacionado com a música, com coral para diferentes grupos etários, coral misto, coral feminino, coral masculino e instrumentistas que eram autodidatas ou aprenderam a tocar em escolas formais.

Uma vez por semana no turno da tarde as mulheres da igreja se reuniam para realizar cultos de oração, para confeccionar roupas e acolchoados, visitar os doentes e ensaiar os hinos do coral. Minha mãe sempre estava presente nestas reuniões para colaborar, e eu cresci no meio delas.

O departamento de ensino organizava encontros aos domingos pela manhã, quando cada grupo etário se reunia em diferentes salas da igreja para estudar lições bíblicas e cantar. Nas férias escolares eram organizadas atividades específicas para o público infantil. Meus

irmãos na década de 1990 eram responsáveis pelo departamento de ensino, coordenando a escola bíblica dominical do distrito. Em certa época, meu irmão viajou, a trabalho, para o estado de Minas Gerais, e lá conheceu e frequentou a igreja Batista da Lagoinha, que desenvolvia um trabalho com grupo de adolescentes, conhecido como *Companhia Alegria*, apresentando canções e coreografias. Ele voltou para Porto Alegre, com um disco de vinil e fitas cassete daquele grupo e o projeto de iniciar um grupo de adolescentes na igreja. Eu, que estava com quatorze anos de idade, percebi naquele projeto a possibilidade de socializar com pessoas da minha idade, e que não estavam se encaixando em nenhum outro grupo. Com a permissão do pastor ele reuniu cerca de quinze adolescentes da igreja e uma vez por semana nos reuníamos para conversar, estudar a bíblia e ensaiar canções para o nosso coral. Escolhemos o nome, *Adolescentes para Cristo* e na época usávamos um uniforme nas cores branco e vermelho. Depois de um tempo, surgiu a ideia de ensaiarmos coreografias para apresentar. Escolhi, e aprendi duas canções coreografadas do grupo *Companhia Alegria*, para ensinar para o nosso grupo, que foram apresentadas em algumas ocasiões dentro da igreja e espaços externos. Hoje este grupo permanece e outros foram criados em diversas igrejas da Assembleia de Deus, e as coreografias que no início enfrentavam certa resistência, atualmente são uma prática comum entre grupos de crianças, adolescentes, jovens e até as senhoras aderiram à ideia.

Havia dois departamentos da igreja que sempre me chamavam a atenção, primeiramente o da música, enquanto os corais cantavam, eu ainda pequena, gostava de imitar o movimento que o regente fazia, e no meio da igreja marcava o pulso dos hinos e acompanhava cantando. O momento de canto coletivo era através dos hinos da harpa cristã², um hinário da igreja Assembleia de Deus que fazia a abertura de cada culto. Também havia os conjuntos musicais, formados por membros da igreja, assim como cantores solistas, que ensaiavam repertórios musicais para serem apresentados durante os cultos.

Aos doze anos iniciei estudo de piano, e tentava adaptar os aprendizados musicais adquiridos nas escolas formais, aos repertórios da igreja. Aos vinte e dois anos de idade fui convidada para ser regente do coral feminino da igreja, e por cerca de dez anos fui regente do coral feminino do distrito, e do coral feminino da minha congregação; esse realizava uma parada militar, entrava na igreja marchando, apresentando coreografias e canto coral. Participamos com esta performance e musicalidade em diferentes igrejas de Porto Alegre e da região metropolitana.

Outro departamento que me atraía a atenção era o das missões. Naquela época os missionários suecos, além de estabelecer igrejas aqui no Brasil, investiam em enviar

missionários brasileiros para outros países, principalmente africanos. As diferenças culturais sempre me atraíram a atenção quando missionários brasileiros, enviados para países como Senegal, Guiné Bissau e Cabo Verde, retornavam, relatando suas experiências no campo, ou quando africanos cristãos visitavam o Brasil, apresentando performances musicais ritmadas e com danças. Todos os que assistiam apreciavam as performances e os resultados obtidos no campo missionário. Quando eu indagava sobre as diferenças músico-performáticas dos negros de lá e os daqui, a resposta era que eles faziam assim porque esta era a cultura *deles*.

A estética visual dos cristãos da Assembleia de Deus naquela época era bem conhecida: mulheres com cabelos presos ou coque, cabelos sem cortes, saias, e era vedado o uso de adereços e maquiagens; os homens com vestimenta social. Hoje, estas questões estão mais flexíveis, mas anteriormente era como uma identidade deste grupo.

Mesmo pertencendo a esta denominação, eu e minha família, gostávamos de visitar outras denominações evangélicas. Quando na década de 1980 migramos para a Assembleia de Deus, meu irmão mais velho decidiu ir para a igreja Comunidade, localizada no bairro Floresta. Algumas vezes eu visitava com ele esta igreja e percebia que os costumes de se vestir e de se comportar eram diferentes. Foi lá que aprendi as primeiras canções de Asaph Borba, um cantor e compositor gaúcho que se dedica em compor canções para louvor congregacional, conhecido no contexto evangélico nacional e internacional. Eles cantavam com palmas e movimentos corporais que marcavam o pulso das canções, as letras eram dedicadas a adorar a Deus. Algo que me chamava a atenção era o momento da oração, que se tornava melodiosa. Cada um dentro de uma mesma tonalidade, projetava orações com caminhos melódicos; cada um de forma diferente, mas todos ao mesmo tempo, formando uma paisagem sonora de oração, diferentemente das outras igrejas.

No final de década de 80 começamos a visitar a igreja Deus É Amor, que foi fundada em 1962, por um pastor que anteriormente pertencia à Assembleia de Deus. Esta igreja tem uma sede localizada no centro de Porto Alegre e congregações nos bairros da cidade. Perto da minha casa havia uma congregação em um espaço alugado para realizar as reuniões. Na liturgia dos cultos havia o momento em que todos cantavam juntos, corinhos, canções curtas, que se repetiam ou um pot-pourri de corinhos. A maioria dos cantores tinha a dificuldade de permanecer na mesma tonalidade durante as canções e a ausência de afinação era algo natural e não percebido. Isto não era regra - alguns cantores solo cantavam e tocavam canções numa

espécie de junção de *gospel*¹ com música tradicionalista gaúcha, por experiências anteriores, que tiveram no universo secular. As palmas estavam sempre presentes. Com palmas eles acompanhavam o pulso dos corinhos, com palmas eles recebiam os cantores que iriam se apresentar e durante o sermão havia uma interrupção para que a congregação pudesse bater palmas, as quais eram sempre acompanhadas de palavras como *Aleluia* e *Glória a Deus*. Esta igreja era marcada pela rigidez nas cobranças de usos e costumes, por um manual RI (regulamentos internos) com detalhes de como se vestir e se comportar como cristão.

Certa vez próximo à minha casa instalou-se, por uma semana, a tenda do pastor Isaias Figueiró, o pastor fundador da igreja Encontros de Fé. Com o projeto *Cruzadas De Fé* eles transitavam em diferentes bairros da cidade, instalavam-se em um determinado local, (com a tenda, estruturas sonoras e equipes preparadas) e faziam cultos, convidando toda a comunidade para participar. Havia três momentos nestes encontros que eram: louvor, oração e a palavra do pastor. O momento do louvor era ministrado por Paulo Figueiró e banda, com canções do gênero *gospel*, com interação da igreja com canto responsorial; um arranjo musical bem elaborado acompanhado de palmas chamava a atenção de toda a comunidade. Cristãos de diferentes denominações acompanhavam as cruzadas de fé, e depois essas canções se tornaram repertório clássico de muitas denominações evangélicas no sul do país. A pregação era ministrada de forma eloquente, a mensagem era evangelística e muitos se tornaram cristãos a partir destes eventos.

O cenário musical evangélico na cidade começou a se transformar com os meios de comunicação em massa. As rádios *gospel* na década de 90 começavam a transmitir novos gêneros musicais, o rock da oficina G3², o Rap do DJ Alpiste³ e Apocalipse 16,⁴ o samba da banda Salvador: eram musicalidades que estavam sendo divulgadas, mas ainda estavam ausentes nas liturgias dos cultos aqui do sul. Em outros estados as igrejas evangélicas começaram a se multiplicar lideradas por brasileiros que se familiarizavam com a cultura e a estética das classes populares. O intercâmbio destas igrejas com outros universos musicais nacionais e internacionais trouxe uma nova roupagem para os louvores congregacionais. Surgiram grupos que nos gêneros pop e pop rock venderam centenas e milhões de cópias para o público evangélico, e se apresentavam em cultos/shows de diferentes estados brasileiros. Com a chegada dos CDs, DVDs e internet, podíamos ter uma visão ampla dos novos modelos musicais que estavam sendo adaptados e as transformações do universo músico-performático evangélico.

¹Todos os gêneros musicais e produtos comerciais que incorporam a cosmovisão cristã.

²Banda brasileira de rock *gospel*, fundada na cidade de São Paulo em 1987.

³Músico, compositor cantor do gênero Rap *gospel*. Natural da cidade de São Paulo, pioneiro do movimento Hip Hop no contexto evangélico.

⁴Grupo de Rap fundado no final da década de 90.

Com a possibilidade de se visualizar vídeos na internet, comecei a pesquisar diferentes reuniões evangélicas que aconteciam em países africanos e os corais e grupos musicais afro-americanos. Percebi nestas viagens virtuais a diferença do comportamento performático e musical de negros nos diferentes locais, e às vezes da mesma denominação evangélica. Pelo youtube conheci também as produções do cantor Ron Kenoly⁵ e os primeiros lançamentos de Kirk Franklin,⁶ cantor, compositor e produtor afro-americano que despertou nos músicos cristãos brasileiros a possibilidade de inserção da música negra na liturgia dos cultos. Nos trânsitos culturais entre afro-americanos e afro-brasileiros cristãos, surgiram aqui no Brasil grupos focados na música e performance negra, dedicando-se a compor canções nos gêneros *soul* e *gospel* e a interpretar canções de artistas afro-americanos.

Estabeleceram-se também igrejas que atraem um público específico de membros, como uma igreja que conheci em meados de 2000, denominada Bola de Neve. Meus sobrinhos, ainda adolescentes, queriam muito conhecer a Bola de Neve, localizada em um bairro de classe média na zona norte de Porto Alegre. Uma noite decidimos ir até lá. Ao entrar na igreja percebi um cenário diferente das outras igrejas: em um canto havia uma pequena pista de skate; em outro espaço, uma mesa de flú (futebol de mesa). O púlpito tinha sua base no formato de uma prancha de surf, e os membros eram na maioria adolescentes ou jovens, e os poucos que não eram mantinham uma estética visual jovial. Quando o culto começou, eles voltaram à atenção para aquele momento e iniciaram com a prática musical em conjunto. Algumas luzes foram apagadas, permanecendo acesas somente as do púlpito e lâmpadas auxiliares que estavam localizadas nas paredes. Todos se dedicaram ao canto coletivo. A letra era projetada em data show para que quem não soubesse pudesse acompanhar. Por mais de uma hora a igreja toda cantou, mediada por uma cantora que tocava violão, acompanhada de um baterista; algumas canções eram conhecidas e navegavam entre o pop, rock e reggae. No momento do sermão, a pastora da igreja ministrou um texto bíblico em uma linguagem atraente para o público jovem, com o uso de gírias em alguns momentos. Na oração final, muitos jovens se direcionavam até a frente do altar e de joelhos colocavam o rosto ao chão para orar. O tempo passou tão rápido que não percebi. Quando vimos, já era mais de onze horas da noite. Saímos da igreja e do lado de fora estavam cerca de dez vizinhos indignados com o som que extravasava o templo. Eles diziam que entendiam o bem que a igreja estava proporcionando para aqueles jovens, mas eles precisavam dormir para iniciar no

⁵Cantor, escritor e produtor da música cristã afro-americana. Doutor em música sacra pela Internacional Christian University.

⁶Kirk Franklin é cantor, compositor e produtor musical evangélico, figura de destaque da música gospel nos Estados Unidos. O cantor afro-americano, nascido no Texas (1970), desde criança está envolvido com a música, tocando piano, regendo o coral da igreja Batista. Fundador do grupo Kirk & the Family, recebeu prêmio Grammy para “melhor álbum gospel” e melhor canção gospel. Atualmente desenvolve trabalho individual em estilo que mistura soul e hip hop, possui sua própria gravadora e canal de rádio e já lançou doze álbuns.

trabalho no dia seguinte. Depois de alguns meses a igreja mudou-se de local, e hoje está localizada numa zona entre prédios comerciais e a estrutura do templo contém isolamento acústico para impedir que de fora se ouça o que acontece lá dentro.

Na década de 2000 começaram a ser divulgados os programas tele-evangelísticos das igrejas Internacional da Graça de Deus, Universal do Reino de Deus e Mundial do Poder de Deus. Já existiam outros programas evangélicos na TV, mas estes entraram com força em horários de grande audiência nacional, propagando em maior dimensão um cristianismo contemporâneo. Estes programas também são divulgados vinte e quatro horas por dia em TV fechada e tem sido destaque em temas de revistas e jornais. Nos telecultos há uma abertura para diferentes gêneros musicais, grupos e solos cantando rap gospel, pop gospel, rock gospel e até os hinos do cantor cristão aparecem com novos arranjos e ritmos musicais.

Cada denominação evangélica tem características diferentes, estéticas distintas e em algumas as maneiras de se relacionar com a música são semelhantes. Algumas igrejas investem em abrir várias congregações em bairros da periferia como as igrejas Assembleia de Deus e Deus É Amor, enquanto outras denominações escolhem estabelecer seus templos em bairros de classe média. A representatividade negra é maior nas igrejas da periferia, o que não é regra, mas pode ser percebida em um *tour* pelas diferentes denominações cristãs.

A partir das experiências musicais vivenciadas no contexto evangélico, ao terminar o ensino médio escolhi a música como futura profissão. Convenci então minha família das possibilidades da área, e me inscrevi na seleção pré-vestibular, para a graduação em música na UFRGS; porém, por dois anos não tive sucesso e meu tempo tinha se esgotado. Eu precisava ter uma profissão e trabalhar para manter os compromissos da casa. Realizei o curso técnico em Enfermagem, trabalhei em hospital privado e atualmente trabalho em um hospital federal. Depois de cinco anos de profissão, descobri o curso de Licenciatura em Música do IPA, sem seleção para ingresso, e vi nele a oportunidade de realizar meu desejo e aperfeiçoar os trabalhos que exercia na igreja. Conclui minha formação nesta instituição em 2011 e depois realizei curso de especialização em Educação Musical na universidade Resvale em Novo Hamburgo. Em 2014, aprovada em concurso na rede municipal de ensino de Porto Alegre, iniciei minha carreira como professora de música, trabalhando com crianças da educação infantil.

Meu ingresso no mercado de trabalho e na vida acadêmica se deu em uma conjuntura social em que importantes leis estavam sendo aprovadas, como a lei 11.769\08, que determina a obrigatoriedade do ensino da música nas escolas de ensino regular, a lei 10.639\03 que

estabelece a inclusão, nos currículos escolares, do estudo da história da África, dos africanos e da cultura afro-brasileira, e estatuto de igualdade racial, políticas e ações voltadas para reparar a desigualdade de direitos ocasionada pela escravidão. As discussões sobre o tema nos diferentes grupos sociais em que eu circulava e o imaginário construído acerca da identidade negra, fomentava reflexões a cerca da múltipla formação étnico-identitária existente no Brasil e em outros espaços da diáspora africana.

A primeira vez que conheci o grupo *Family Soul* foi em 2014, em um culto denominado *Black Music Gospel*, realizado pela igreja Batista da Brasa,⁷ situada na Zona Norte de Porto Alegre. Foi assim que percebi na performance musical e na estética visual do grupo uma mensagem de protagonismo negro no espaço religioso através da prática musical. Naquela época o grupo era conhecido como RM Soul, formado por integrantes negros e com uma musicalidade e performance corporal que, para mim, afirmava pertencimento étnico-racial.⁸ Diferentes grupos musicais participaram daquele culto, mas no momento em que o grupo RM Soul cantou, a liturgia do culto direcionou-se para um modelo oposto ao tradicional das igrejas evangélicas que eu conhecia, com danças, canto responsorial, e um círculo formado por algumas pessoas na frente do púlpito. Embalados pelo movimento de uma canção *gospel* do gênero *soul*, uma pessoa entrava no círculo, improvisava uma dança e os outros repetiam o movimento, cantando.

Naquele dia tive diferentes percepções e opiniões em relação ao que estava acontecendo ali, pensamentos que em momentos se opunham, e em outros admirava a presença e performance negra na igreja. Eu, meu irmão e minha cunhada, pouco interagíamos; com palmas, assistíamos ao que acontecia diante dos nossos olhos. Desde criança vivencio experiências em diferentes denominações evangélicas, mas em nenhuma das igrejas que tinha visitado até então, no Rio Grande do Sul, tinha presenciado uma música e performance como aquela. Ao encontrar o grupo *Family Soul* deslumbrei-me pela diferença, a diferença na música, a diferença na performance, não porque nunca tivesse assistido algo parecido, mas porque algo que achava distante estava acontecendo ali no meu contexto, na minha cidade, realizado por negros como eu.

Este encontro confrontou paradigmas e abriu espaço para questionamentos pouco discutidos ou invisibilizados no contexto cristão, despertando meu interesse em compreender como se constrói a identidade musical e performática deste grupo e como se estabelecem as redes de relações sóciomusicais do grupo, entender a centralidade das práticas musicais na constituição do pertencimento étnico em contexto religioso e os processos sociais que,

mediados pela performance musical, contribuem para a afirmação de uma identidade de pertencimento étnico-racial no contexto evangélico.

Mapeando o território de origem

A maioria dos integrantes do grupo *Family Soul* são moradores da zona norte de Porto Alegre, no Bairro Rubem Berta, divisa com a cidade de Cachoeirinha. Sendo eu mesma moradora desta região, pude acompanhar o crescimento populacional e os investimentos que aconteceram no bairro, como a pavimentação das ruas, o aumento de escolas públicas, o crescimento do comércio e empresas que ocuparam o local. Meus pais chegaram nesta região na década de 1970, vindos da cidade de Minas do Butiá. Minha mãe relembra que o local nesta época carecia de saneamento básico e instalações elétricas; algumas famílias construíram poços artesianos e compartilhavam a água com os vizinhos. Ao lado de casa havia um campo de futebol que reunia a garotada da vila, inclusive meus irmãos, como entretenimento enquanto os pais trabalhavam. Hoje neste local há uma escola municipal, onde concluí o ensino fundamental.

No Porto Seco, local que anteriormente era um campo vazio em que as crianças gostavam de soltar pipa no final da tarde, foi construído um grande complexo cultural, onde ocorrem os desfiles de carnaval. Próximo a este local, novas vilas foram surgindo como Vitória da Conquista, Amazonas e o mais recente conjunto habitacional, o Porto Novo, construído para abrigar as famílias que residiam na Vila Dique, que tiveram sua área desapropriada para a expansão da pista do Aeroporto Salgado Filho.

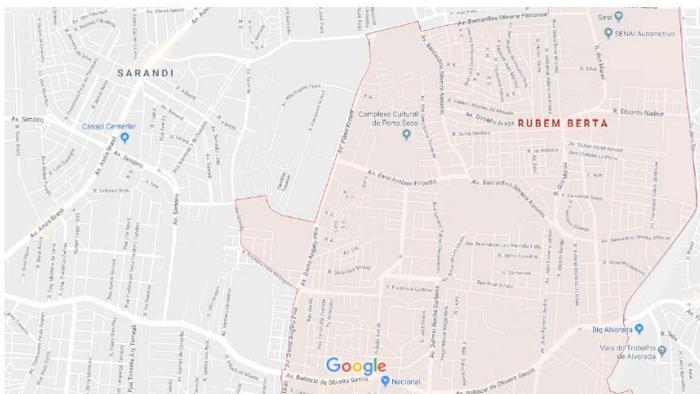


Figura 1 - Bairro Rubem Berta de Porto Alegre

Outros bairros que compõem o Rubem Berta são Nova Gleba, Santa Rosa, Por-do-Sol, João Paris, Fraternidade, Páscoa, Dutra Jardim, Max Geiss e o Parque Santa Fé, além dos conjuntos habitacionais Fernando Ferrari, Guapuruvu, Parque dos Maias. Segundo o livro organizado pela Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre *A grande Santa Rosa* (1993) para resgatar a memória desta parte da cidade, a ocupação do bairro é fruto de diferentes padrões, divididos em quatro tipos principais: áreas loteadas pela planificação pública; áreas loteadas pela iniciativa privada; áreas verdes ou particulares, ocupadas através de invasões; e áreas de ocupação mista.

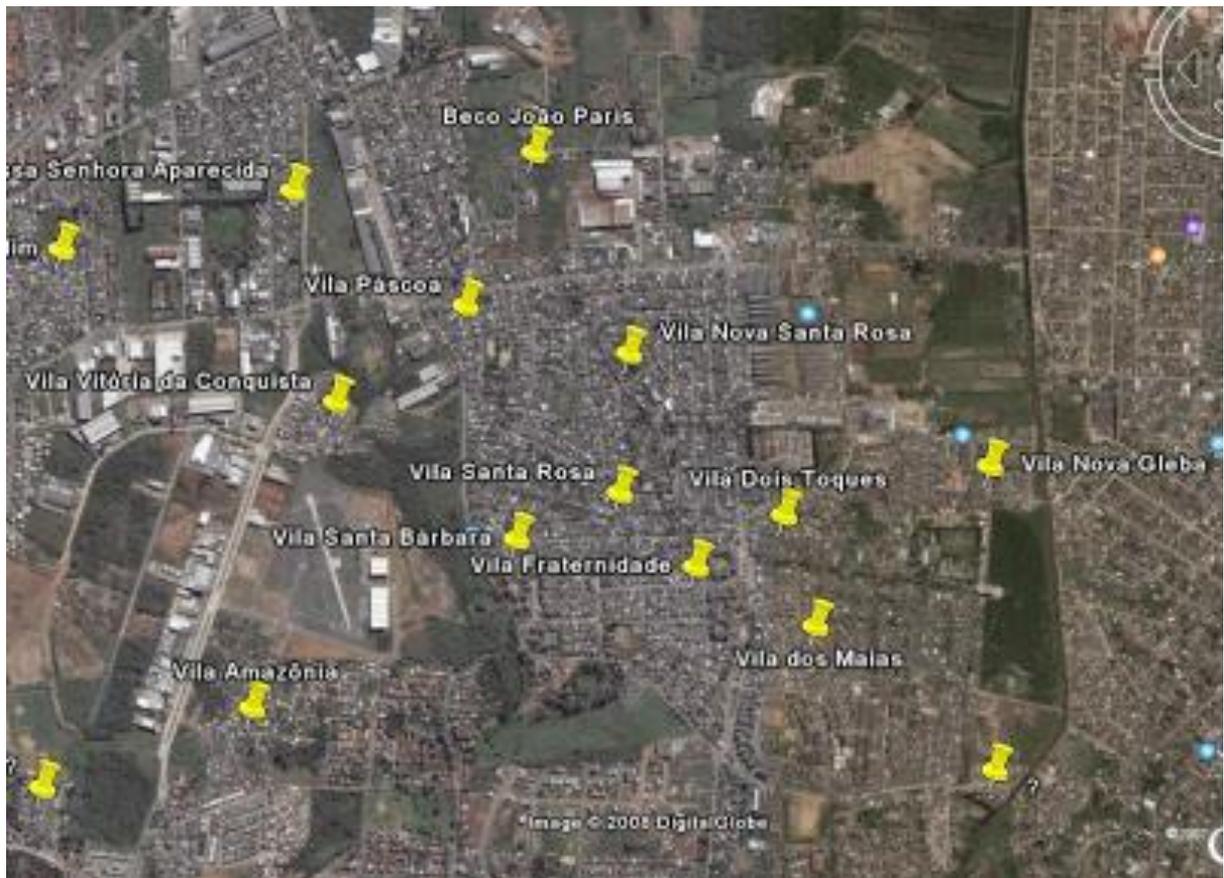


Figura 2- Vilas do Bairro Rubem Berta

O aumento populacional e o surgimento de novas vilas provocaram a disputa por pontos de venda de substâncias psicoativas ilícitas. Nos últimos anos presenciamos momentos de elevação da violência devido a este motivo.

O bairro é composto por diferentes grupos étnicos, mas na maioria são negros. Com a emigração de pessoas do Haiti e Senegal, o bairro ganhou novos integrantes e o percentual de negros aumentou. Nas ruas, nos supermercados e igrejas ouve-se uma nova língua, a dos haitianos que andam agrupados, e quando sozinhos, tentam pronunciar o português, com

dificuldade para se comunicar. A integração deste grupo não tem sido fácil, mas a comunidade tem demonstrado colaboração e hospitalidade, dentro das condições possíveis.

Mapeando os percursos teórico-metodológicos

Diferentes aspectos podem ser contemplados, para que de forma holística possamos compreender os processos de formação étnico-identitária de um grupo musical. Segundo Seeger uma etnografia musical deve estar aberta para entender que a performance musical contempla diferentes aspectos, tanto fisiológicos, como emocionais, estéticos e cosmológicos. O autor afirma que:

Tudo isso está envolvido no porque pessoas fazem e apreciam certas tradições musicais. Uma etnografia da música deve estar preparada para tratar desses aspectos- mesmo que poucos autores tenham feito. Algumas análises se concentram na influência fisiológica, outras na tensão emocional liberada através da música outras tratam da correlação social e outras dos efeitos das crenças cósmicas no interior da tradição. Provavelmente todos estão envolvidos seja qual for à tradição (SEEGER, 2008, p. 256).

Perceber a música como um meio revelador que conecta simultaneamente uma complexidade de relações e interações é a compreensão compartilhada por Chernoff (1989). O autor constrói reflexões a partir dos trabalhos realizados por Nketia em Gana, que propõe a música como mediador,nexo, que atrai e reúne diversas complexidades. Segundo Chernoff:

Quando começamos olhando para os diversos modos pelos quais a música é integrada ou separada da vida cultural, observamos que, nos eventos musicais, as pessoas frequentemente combinam aspectos do funcionamento social e cultural que nós podemos ordinariamente pensar como de natureza completamente distinta. Entender o que acontece em um evento musical pode nos dar uma idéia dos tipos de conexões que as pessoas estão fazendo, porque a música vincula muitas coisas diferentes e aglutina pessoas muito diferentes, incluindo etnomusicólogos. Examinar a música como mediadora de interação e significado em tal contexto é uma dimensão da idéia de Nketia de que o estudo da música fornece o nexo para a representação de relações culturais cruciais, colocando o campo de dados para uma discussão integrada de cultura e sistema social como fatores “independentemente variáveis ainda que mutuamente interdependentes” (CHERNOFF, 1989, p. 13).

O grupo musical no contexto aqui estudado expõe conexões ligadas a um universo de eventos, como as expressões afro-americanas, os modelos europeus, as relações construídas a partir da cosmovisão cristã, os movimentos civis que marcaram a história negra em diferentes espaços, e o novo cenário brasileiro que, nas últimas décadas, desenvolveu políticas públicas

com o objetivo de estabelecer equidade de oportunidades e direitos entre os diferentes grupos étnicos.

O campo de estudo nesta dissertação é composto por inter-relações étnicas, e essas relações tecem novos processos identitários através de experiências musicais. Entendendo a categoria *identidade* como algo flexível (Hall, 2005), como abordar do ponto de vista etnomusicológico um campo infinito de possibilidades e relações que (re)configuram constantemente os processos de pertencimento identitário?

Compreendendo os diversos aspectos e complexidades que a música pode nos revelar, as contribuições de Radano e Bohlman (2000), sinalizam ser essencial o diálogo sobre questões referente às relações entre raça e música. A presença de uma performance musical negra nas igrejas evangélicas no Rio Grande do Sul produz um impacto nas relações, que segundo os autores, ao mesmo tempo que esta atitude articula qualidade de pertencimento étnico racial, expõe - através da performance musical - a diferença, a lembrança de uma separação histórica. A racialização está presente em todo o mundo e em diferentes lugares e tem sido um problema preocupante negar sua existência (Marshall e Radano, 2013). Para os autores, a imaginação racial é entendida como um aspecto fundamental na construção das diferenças, visão de que o racismo e a racialização são percebidos, vivenciados socialmente e projetados através dos sons, ao mesmo tempo.

O grupo *Family Soul*, desde 2007, assumiu uma performance musical que representa um pertencimento étnico-identitário, não somente para eventos seculares, mas para que sua musicalidade pudesse integrar a liturgia dos cultos, como parte do corpo cristão, com repertório composto por músicas participativas (Turino, 2008), que convidam as pessoas a participar. A musicalidade e a performance neste campo de pesquisa sinaliza aspectos relevantes e que estão diretamente envolvidos e entrelaçados com as práticas musicais afro-americanas, mediadas pela globalização, com trânsitos e conexões culturais (Gilroy, 2011) que favorecem a construção de novas identidades, novos significados e relações.

O universo evangélico contempla experiências que vão além do templo físico, sendo uma cosmovisão que acompanha a prática diária das pessoas envolvidas. Os significados, o entendimento sobre vida e morte, as relações das pessoas entre si e com o universo, com o imanente e o transcendente, são construídos e fundamentados na Bíblia. Apesar de ter a mesma cosmovisão cristã, as comunidades evangélicas se constroem em contextos diferentes, estabelecendo sua crença em meio a relações sócio- culturais distintas.

Pertencer ao mesmo grupo étnico, comungar a mesma confissão de fé, implicou no desafio de lidar no trabalho de campo com os movimentos de familiaridade e estranhamento;

com o cuidado de me distanciar de percepções pré-estabelecidas e desnaturalizar noções, ampliando e aprofundando o campo de pesquisa (Velho, 2003). Tentei, a partir dos diálogos com os colaboradores, desenvolver uma escuta etnográfica atenta às várias formas sensoriais importantes para a aproximação e a compreensão do outro (Erlman, 2004). Em suma, tentei compor uma interpretação destes meus muitos encontros em campo com alguma luz dos teóricos aqui apresentados.

Mapeando o universo da música gospel

Nas últimas décadas contemplamos uma explosão da música *gospel*, entendendo o termo *gospel* como todos os gêneros musicais, ou todo o produto comercializado que carrega a cosmovisão cristã. Atualmente temos o funk *gospel*, o samba *gospel*, filmes *gospel*, entre outras expressões culturais e produtos comerciais. O surgimento do termo *gospel* está ligado à nova cosmovisão que comunidades evangélicas negras expressavam através da musicalidade e performance no início do século XX nos Estados Unidos, um gênero envolvendo cosmovisão e um intrínseco cruzamento e desdobramento músico-cultural entre os grupos étnicos. Cunha (2003), em um estudo sobre o crescimento *gospel* no contexto religioso contemporâneo no Brasil, destaca que:

Na origem, porém, o *gospel* dizia não a toda a música religiosa contemporaneizada, mas a um tipo nascido no início do século XX em comunidades protestantes negras. As raízes deste gênero musical encontram-se nos “negro spiritual”, que estão na base de toda a música negra estadunidense, no blues, no ragtimes e nas músicas religiosas populares do movimento urbano revival do século XIX. Diferente do negro spiritual, a música *gospel* não se inspirou tanto na clássica hinologia protestante. Com base no movimento revival, ela era mais emocional e espontânea e teve das músicas “pergunta e resposta” (pregador-congregação), muito comum nas igrejas negras. O conteúdo das letras enfatizava a obediência a Deus e o distanciamento do pecado com vistas à Recompensa do Reino dos Céus. O amor de Deus também era celebrado nas canções. O recurso ao canto coral era utilizado, mas os cantores solo também se destacavam. Nas origens o forte tom religioso do gênero, fazia com que os cantores e grupos raramente cantassem em locais não religiosos (CUNHA, 2003, p. 188-119).

O grupo *Family Soul* é conhecido, no universo cristão em que circula, como um grupo com performance e musicalidade negra. Convidados para participar em diferentes denominações evangélicas de Porto Alegre e região Metropolitana, o grupo mantém uma identidade étnico racial através da performance corporal e musicalidade. Diante das diferentes redes de relações sociais que compõem o contexto estudado, Stuart Hall (2005) orienta que

entendamos o conceito de identidade como algo complexo, como sujeitos descentralizados ou fragmentados, composto não por uma, mas por várias identidades, devido às mudanças estruturais e institucionais e o processo conhecido como globalização, que tem um efeito sobre as identidades culturais, pois conecta comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo.

O cenário evangélico tem vivenciado transformações, resultado de uma trajetória construída historicamente, fruto dos cruzamentos sociais, adaptações e novas interpretações do mesmo. Cunha (2004) em um estudo sobre a expansão gospel e a novas expressões e modos de vida, presentes no cenário evangélico, descreve brevemente a trajetória das correntes protestantes. Segundo a autora:

Depois de difundido pela Europa a partir do século XVI, o protestantismo estabeleceu-se nos Estados Unidos por intermédio dos colonos ingleses no século XVII. Estes são os dois pontos de partida das correntes protestantes que instalaram, na América do Sul e no Brasil, a nova confissão cristã. Num primeiro momento, chegaram ao Brasil, vindos do Velho Continente, anglicanos ingleses e luteranos alemães. Eles vieram, a partir dos primeiros anos do século XIX, incentivados pela “abertura dos portos às nações amigas”. Mais tarde, ainda nesse século, chegaram ao Brasil fluxos de missionários já então instalados nos Estados Unidos: congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas e episcopais. Posteriormente, já no alvorecer do século XX, foi a vez dos grupos pentecostais (CUNHA, p. 17, 2004).

Das igrejas históricas, uma rede de igrejas protestantes se multiplicou, compondo um complexo arranjo de denominações cristãs. Cunha (2004) reelaborou uma síntese para representar a configuração identitária do protestantismo brasileiro que é pertinente para compreendermos as diferentes características musico-performática das diferentes denominações.

| Protestantismo Histórico de Migração | Protestante Histórico de Missão |
|---|--|
| Chegou ao Brasil com o fluxo migratório a partir do século XIX, sem preocupações missionárias conversionistas. É representado pelas igrejas Luteranas, Anglicanas e reformadas. | Chegou ao Brasil trazido por missionários norte-americanos no século XIX, corresponde às igrejas Congregacional, Presbiterianas, Metodista, Batista e Episcopal. |

| Pentecostalismo Histórico | Pentecostalismo de Renovação |
|--|---|
| Com raízes nas confissões históricas da reforma. Inicia-se no Brasil no século XX com objetivo missionário. É caracterizado pela doutrina do Espírito Santo. Composto pelas igrejas Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil e Evangelho Quadrangular. | Surgiu de divisões no interior das igrejas históricas. É formado pelas igrejas Metodista Wesleyana, Presbiteriana da Renovação e Batista de Renovação. |
| Pentecostalismo Independente | Pentecostalismo Independente de Renovação (Neopentecostal) |
| Início a partir da segunda metade do século XX de divisões teológicas ou políticas nas denominações históricas. Está entre elas a igreja Deus É Amor, Brasil Para Cristo e Universal do Reino de Deus. | Surgiu no final do século XX com características do pentecostalismo Independente, porém tendo como público alvo classes médias e a juventude. Composto por grupo de igrejas como Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra e Bola de Neve. |

As primeiras igrejas evangélicas instauradas no Brasil por missionários vindos de países europeus e americanos multiplicaram os ensinamentos da visão protestante e estabeleceram templos em diferentes estados brasileiros, congregando indiscriminadamente pessoas de diferentes grupos étnicos. Os modelos de expressividade performático e musical eram pautados nos formatos culturais em que esses missionários desenvolveram suas crenças, repudiando performances, ritmos e alguns instrumentos musicais, ligados a outras manifestações culturais, e expressões religiosas.

Essa experiência foi vivenciada em diferentes países e culturas. Por exemplo, a etnomusicóloga Kidula, em seu estudo realizado no Quênia, apresenta a expansão do cristianismo no país e os impactos culturais ocasionados. A autora expõe a trajetória histórica do cristianismo na região, percebendo a transformação filosófica, a mudança da cosmovisão e modo de vida africano. As diferentes características identitárias de grupos missionários que ingressaram nas áfricas manifestavam diferentes perspectivas doutrinárias e musicais, conduzindo-os ao aprendizado de novas práticas e performances, compatíveis com o novo sistema de crenças (Kidula, 2013 p.40-47).

Durante anos, o cristianismo reformado se desenvolveu em meio a contextos em que a radicalização e a segregação entre raças, foram naturalizadas, e diante deste cenário o posicionamento da igreja ora demonstrava indiferença para o assunto, ora unia esforços junto a negros cristãos na luta por igualdade social, ora compactuava com o modelo escravagista/discriminatório da época. À medida que os negros vão legitimando sua liberdade, novos espaços e ações vão sendo (re)pensados e transformados em diferentes contextos. No contexto evangélico esta visão, que vem sendo modificada, é fruto de uma trama de fatores e dinâmicas sociais que ultrapassam fronteiras institucionais ou territoriais.

Contemplamos nas últimas décadas o crescimento de denominações cristãs evangélicas no Brasil, com membros que apresentam um novo relacionamento com as culturas locais, atuantes em movimentos sociais, representantes de partidos políticos e que expandem suas mensagens através de mídias eletrônicas. Cunha (2004) denomina esse movimento cristão como pentecostalismo independente, conhecido como neo-pentecostal, baseado em igrejas com líderes e raízes brasileiras, com uma nova identidade cristã evangélica que incorpora uma pluralidade e diversidade de expressões performáticas e musicais em suas práticas.

Estas dinâmicas de cruzamentos que configuram e (re)configuram as práticas musicais nos espaços evangélicos no Brasil - como shows *gospel*, produtoras e artistas cristãos, festas, bailes e cultos evangélicos - têm sido alvo de pesquisas com o objetivo de se compreender a nova concepção de ser evangélico pela via da ação mediadora das práticas musicais.

Em um estudo realizado sobre as práticas artísticas de negros evangélicos na cidade de São Paulo, o antropólogo Burdick (2013) discute como as ideias de história, lugar e corpo são incorporados em práticas musicais e discursos de artistas evangélicos negros, e como essas práticas e discursos cultivam diferentes modos de identidades, entre músicos negros e evangélicos no Brasil. Com os grupos musicais que se dedicam à *black music gospel*, o autor percebeu que os artistas não tinham uma consciência de resistência ou ativismo racial, mas o compromisso de levar a mensagem de Jesus, através de gêneros musicais até então não aceitos como uma prática cristã.

Nos diversos espaços evangélicos, pentecostais e neopentecostais, como nos sites de compartilhamento de vídeos, notei a crescente presença de uma diversidade de gêneros ocupando as igrejas, e os espaços de sociabilidades, como forma de entretenimento e investimento da indústria fonográfica. Carine Lavrador de Freitas (2013) realizou uma investigação nos eventos musicais realizados por evangélicos na cidade de Campos de Goytacazes no estado do Rio de Janeiro. Ao descrever os eventos musicais envolvendo os

gêneros funk, axé, rock a autora nos aproxima à diversidade de expressões musicais, gêneros e ritmos presentes no contexto evangélico, sinalizando as relações que se estabelecem entre a música *gospel*, que caracterizam uma identidade flexível a mudanças, mas fixado em bases e conceitos do pensar *gospel*.

Focando o olhar para os eventos e produções musicais a partir da black music *gospel* entre os evangélicos do Rio de Janeiro, Pinheiro (2000) percebe a transformação do meio evangélico ao encontrar os eventos denominados *festas*, elaborados para diversão, reunindo cristãos de diferentes igrejas. Embalados pelos gêneros hip-hop, rhythm and blues, soul entre outros, as dinâmicas que constituem as produções, dialogam com as expressões culturais de um universo mais amplo, inscrito em um contexto mundial, provocando um misto de opiniões, conflitos e satisfações.

Com uma abordagem voltada para os músicos da indústria *gospel*, Mendonça (2009) estudou o cenário evangélico no Brasil, descrevendo e analisando as letras, a cosmovisão e gêneros de canções da cultura *gospel*. Segundo o autor, os artistas parecem realizar grande parte de suas atividades como integrante do universo pop. Ele percebe uma aproximação da produção musical *gospel* aos padrões de promoção artística da indústria fonográfica secular.

Não há dúvida de que a cosmovisão cristã está presente nas letras das canções do grupo Family Soul, mas os significados e códigos projetados através da música referem-se a qual modalidade de construção de uma identidade performática? O estudo de Boone (2013), em uma igreja pentecostal afro-americana, aborda aspectos relacionados a cosmovisão cristã, percebidos nas dinâmicas dos cultos e que acompanham o cotidiano de suas ações. O autor reflete como os cristãos negros utilizam a música e a dança para comunicar crenças religiosas e também para negociar desafios existenciais e complexidades.

A compreensão da cosmovisão cristã prescreve um universo a ser penetrado para o entendimento da totalidade. Sendo assim, estar em campo e vivenciar as experiências do outro, possibilita ao pesquisador o que descreve Magnani (2009, p.135):

A etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente.

Esta dissertação foi desenvolvida dentro das linhas de pesquisa do Grupo de Estudos Musicais - GEM/UFRGS - com auxílio das reflexões construídas com a professora Dra. Maria

Andrea Soares, bolsista do pós-doutorado no GEM em 2016. Com minha iniciação na etnomusicologia e no método etnográfico, sobretudo através da leitura dos textos reunidos no volume *Mixagens em Campo* (Lucas 2013), fui me apropriando de caminhos teóricos e reflexivos que favorecessem a interação e o entendimento dos diferentes cruzamentos presentes na musicalidade e na performance do grupo *Family Soul*. Como saldo de todo este processo iniciático compus o texto da dissertação dividido em quatro capítulos.

Após a introdução no primeiro capítulo descrevo os passos para minha inserção no campo de pesquisa. No segundo capítulo, apresento histórias e trajetórias de alguns integrantes do grupo *Family Soul* para melhor compreensão de suas dinâmicas e conexões entre diferentes identidades evangélicas. O capítulo três está dedicado às interações do grupo com diferentes denominações evangélicas do Rio Grande do Sul, os desafios, as adaptações e a performance negra na liturgia dos cultos evangélicos. No capítulo quatro, apresento a cosmovisão cristã presente nas canções e performances do grupo, a percepção do grupo *Family Soul* em relação à cultura musical negra e à cosmovisão cristã.

1. À PROCURA DO BLACK GOSPEL

A escolha de pesquisar no universo evangélico as relações existentes entre música, raça e cosmovisão cristã, surge ao perceber-me como mulher negra, compartilhando de uma mesma história diaspórica, vivenciando os mesmos embates sociais, usufruindo de conquistas, porém com cosmovisão diferente. Compreendendo através da própria experiência, as diferentes formas de pensar e ser negra, diante dos encontros diários e experiências que ligam negros que comungam a mesma história, o encontro com o grupo *Family Soul* despertou reflexões sobre as diferentes possibilidades de expressão musical negra no contexto evangélico e os diferentes espaços da presença negra no Rio Grande do Sul.

Nas últimas décadas, em Porto Alegre, tornaram-se visíveis organizações que discutem, representam e lutam por igualdade de direitos e oportunidades para o povo negro. O nosso cenário compõe espaços de resgate,⁹ valorização, preservação e disseminação da cultura afrodescendente, uma secretaria municipal,¹⁰ que estabelece políticas de igualdade social, espaços quilombolas,¹¹ formado por comunidades negras remanescentes de quilombo e territórios reconhecidos por serem ocupados e constituídos por afro-brasileiros. O movimento negro de Porto Alegre está em diálogo e sintonia com os movimentos que acontecem em diferentes estados brasileiros, unificando ações que favoreça os negros.

Paralelamente a estes esforços estão os movimentos negros evangélicos, que discutem a questão racial negra dentro de uma perspectiva cristã e a diversidade religiosa da diáspora. Com associações,¹² rodas de conversa,¹³ grupos de estudos, reúnem negros cristãos de diferentes denominações, refletindo sobre a presença significativa negra nas igrejas evangélicas, que tem crescido nos últimos anos, como também debates sobre a atuação de homens e mulheres negras dentro destes espaços. Segundo censo do IBGE, 17.085 é o número de cristãos negros em Porto Alegre, sendo a maioria de igrejas pentecostais.

⁹Espaço escola Africanamente, que tem por objetivo a preservação e divulgação da Cultura afro-brasileira proporcionando ações coletivas que envolvam a comunidade através da arte, cultura e educação.

¹⁰Secretaria Adjunta do Povo Negro está veiculada à Secretaria dos Direitos Humanos. Tem como premissas o assessoramento, a articulação e a formulação de políticas públicas visando o combate ao racismo institucional. O objetivo principal é estabelecer políticas de promoção da igualdade racial.

¹¹Quilombo dos Alpes, Quilombo Família Silva, Quilombo Família Fidélis, Quilombo Areal da Baronesa.

¹²SILVA. Hernani Francisco da. Movimento Negro Evangélico- Um mover do Espírito Santo. Ed. Negritude Cristã, 2011

¹³Comissão Ecumênica de combate ao racismo IECLB -<http://www.luteranos.com.br/paroquia/comissao-ecumenica-nacional-de-combate-ao-racismo-cenacora-1>.

| | |
|----------------------------|----------------|
| PRETA | 587.888 |
| Religião | |
| Sem religião | 64.866 |
| Católica apostólica romana | 345.277 |
| Espírita | 21.387 |
| Evangélica | 103.906 |
| Umbanda e Candomblé | 36.579 |
| Outras religiosidades | 15.337 |

Quadro 1- Censo religião IBGE 2010- População residente do RS cor preta

| | |
|----------------------------|------------------|
| PARDA | 1.137.823 |
| Religião | |
| Sem religião | 91.116 |
| Católica apostólica romana | 716.283 |
| Espírita | 27.763 |
| Evangélica | 244.910 |
| Umbanda e Candomblé | 28.110 |
| Outras religiosidades | 28.552 |

Quadro 2- Censo religião IBGE 2010- População residente do RS cor parda

Conforme o IBGE (2010), no Rio Grande do Sul as igrejas evangélicas congregam um número maior de negros em relação às religiões conhecidas como de matriz africana. Tem crescido significativamente o número de negros na membresia de igrejas evangélicas pentecostais nos estados brasileiros, tornando-se indispensável a discussão sobre as relações e as perspectivas negras aos assuntos relacionados a este grupo, às suas escolhas de crença e as relações e enfrentamentos que se estabelecem nesses espaços.

Na composição étnica do Rio Grande do Sul estão presentes grupos indígenas, afrodescendentes e uma grande maioria de descendente de europeus, fruto da colonização e da migração de europeus no século XIX. As relações sociais no sul são marcadas pelo imaginário europeu, no qual a experiência de migração preenche a imaginação contemporânea local com um sentimento de orgulho em sua herança europeia, tanto quanto alimenta as estatísticas sobre discriminação racial (Lucas, 2000, p. 46).

Neste cenário, diferentes cosmovisões se confrontam, se opõe, se entrelaçam, embaralhando as definições de pertencimento e de cultura religiosa, estabelecendo um transito nas maneiras de ver, se relacionar, e de se posicionar no mundo. A diversidade religiosa presente no Rio Grande do Sul aponta para uma gama de possibilidades de interagir e se expressar através da prática musical.

O grupo de evangélicos, presente no estado, apesar de defender a mesma confissão de fé, subdivide-se em denominações distintas e carregam características que as diferenciam nos modos de interagir socialmente e se relacionar com as culturas musicais. Igrejas históricas que há mais de cem anos estabeleceram-se na região, geraram outras novas igrejas, que atualmente atraem pessoas de diferentes grupos culturais e sociais para a cosmovisão cristã.

Na liturgia dos cultos evangélicos estão, comumente, presentes três momentos principais que são: orações, música e o sermão. Quem percorre pelas diferentes denominações consegue diferenciá-las pela performance de seus membros, interações nos cultos, gêneros musicais e andamento da fala nos momentos das orações e do sermão. Para uma análise etnomusicológica, música se refere ao complexo total de interação social e padronização cultural, relacionados à institucionalização do som estruturado (CHERNOFF, 1989), interações estas que envolvem um universo ainda maior em que as igrejas estão inseridas, participando de um dinâmico processo de transformações.

O estudo com o grupo *Family Soul* desvelou dimensões vinculadas as práticas musicais e a performance apresentada em campo. As experiências compartilhadas pelos colaboradores revelaram alguns caminhos para a compreensão do contexto estudado, sinalizando a necessidade de uma visão alargada atenta para as relações sociais vividas em momentos históricos particulares que estão ligados a contextos ainda mais amplos no tempo e espaço (TURINO, 1999, p. 24).

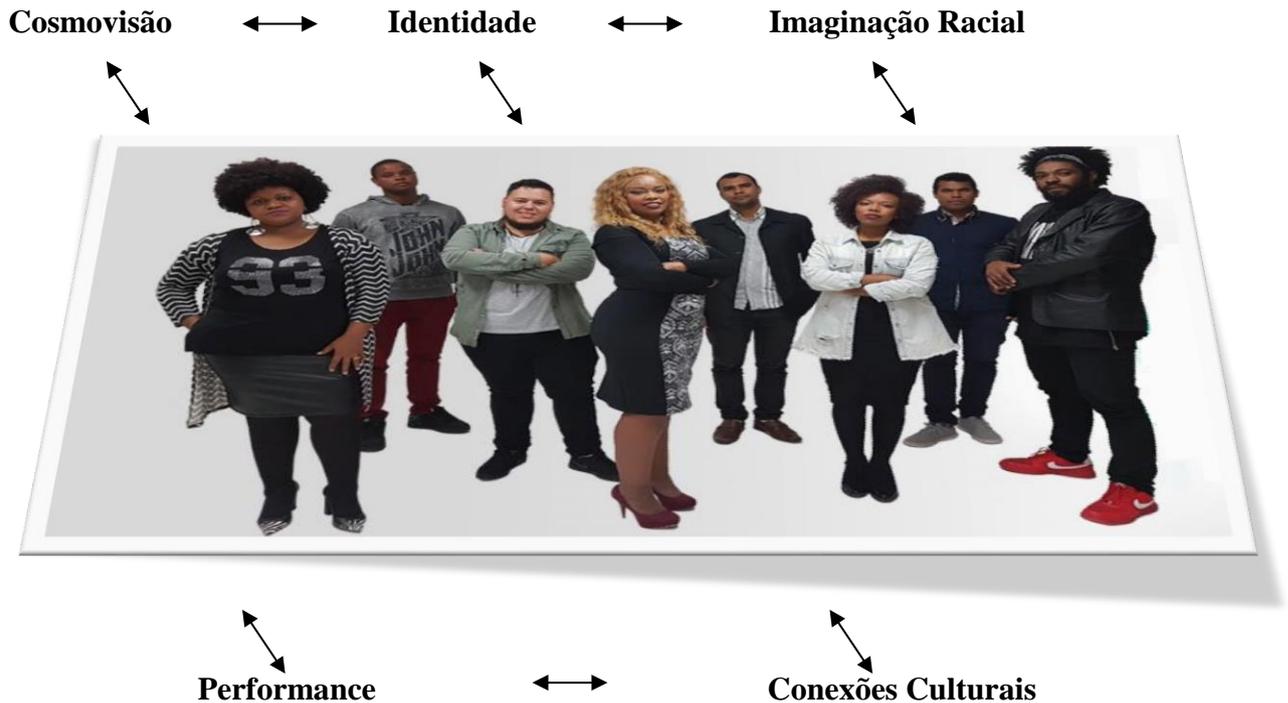


Figura 3 – Grupo Family Soul

As relações entre imaginação racial, conexões culturais, performance, identidade e cosmovisão foram alguns fatores escolhidos para análise do objeto de pesquisa, por sinalizarem relevância nas concepções e significados das práticas musicais do grupo *Family Soul*.

1.1 Family soul e o Black gospel do Sul

Neste capítulo apresento minha inserção no campo de pesquisa, questões e fatores que foram desafiadoras e impactantes na minha trajetória como pesquisadora e na organização e dinâmica do grupo *Family Soul*.

A primeira vez que assisti ao grupo musical *Family Soul* (na ocasião RM Soul) foi em um culto organizado pela igreja Batista da Brasa na zona norte de Porto Alegre. Naquela ocasião fiquei sabendo que eles eram o grupo musical da igreja de um pastor, conhecido no meu bairro, chamado Eduardo.

No meu bairro, na década de 90, existia cerca de dez templos de cinco denominações diferentes, uma delas era a igreja evangélica cruzadas de fé, dirigida pelo pastor Joãozinho, como é chamado carinhosamente pela comunidade. Este pastor tem três filhos homens e uma mulher, dois dedicam-se a música; um é tecladista e o outro baixista. A filha, na época, dedicava-se a um grupo de coreografia realizada por jovens de maioria negra da comunidade.

Eles se apresentavam nas praças, escolas e igrejas, dançando canções gospel coreografadas. Misturando nas performances o estilo break, aquele grupo era muito admirado e atraía vários jovens negros para esta igreja. O outro filho, que é o pastor Eduardo, sempre se dedicou e se destacou na ministração dos sermões. Lembro-me que frequentemente eu e minha família visitávamos esta igreja e admirávamos a dinâmica dos cultos.

Nessas reuniões a prática musical era participativa, todos se colocavam em pé e interagiam cantando, acompanhando com palmas, e movimentos de dança. Havia também o momento de interação entre as pessoas que cantando saíam de seus lugares cumprimentando uns aos outros, abraçando-se, e através da letra de uma canção, falavam da importância de sua presença para eles, e para Deus. Refletindo sobre os modos de participação musical, Turino (2008) entende que a produção de música participativa leva a um tipo especial de concentração sobre as outras pessoas com as quais uma está interagindo através do som e do movimento, e com a atividade em si e para si mesma. A interação entre as pessoas, e das pessoas com o cantor que mediava o louvor congregacional, provocava uma atmosfera diferente e incentivava aos mais reservados a interagir também.

Em alguns momentos percebíamos que nos cultos não estava presente o pastor Eduardo, e descobrimos que ele tinha viajado para os Estados Unidos. Em certos momentos do ano ele voltava e os cultos tinham um novo componente, uma unção que fazia as pessoas caírem. A igreja se organizava em fila e ao passar pelo pastor ele direcionava as mãos a uma determinada pessoa e esta ficava como que adormecida e caía. Auxiliares ficavam atrás destas para direcioná-las até o chão para não permitir que se machucassem.

Anos se passaram e nunca mais visitei esta igreja, mas a notícia que tínhamos é que pastor Eduardo tinha voltado dos EUA e inaugurado uma igreja só para negros na cidade. Mesmo sem ir verificar, eu multiplicava esta informação e ao encontrar o grupo musical RM Soul (com performance e musicalidade negra) pertencentes à igreja do pastor Eduardo, parecia que as informações começavam a se encaixar.

Com a oportunidade de realizar uma pesquisa etnomusicológica, a minha escolha foi então estudar o grupo, que a mais de um ano havia conhecido. Na expectativa de iniciar os primeiros contatos, li uma postagem, de um dos amigos do Facebook, sobre o falecimento de Eliézer, e sem saber quem era, comecei a pesquisar nas redes sociais, até que encontrei o Facebook de familiares, amigos e a página da igreja Renovação Mundial COGIC. Descobri então, que Eliézer era um dos componentes do grupo musical que desejava pesquisar. Na página da igreja encontrei muitas fotos do grupo musical, de palavras que expressavam

sentimentos pela perda que tiveram e a importância da vida do músico e compositor, que se dedicou em estudar e praticar a música negra no contexto cristão.

Dois vídeos divulgados marcaram o início da pesquisa. O primeiro (vídeo1) que assisti foi a última performance musical de Eliézer juntamente com o grupo *Family Soul*. Reunidos em um corredor, eles cantavam uma canção gospel, um gospel afro-americano, vozes que harmonicamente expressavam através da letra uma confiança inquestionável, diante daquela situação que aparentemente era difícil. Cinco adultos e três crianças cantavam, uma das vozes improvisava, e sentado em uma cadeira com travesseiro-colocado para amaciar- o tecladista acompanhava os cantores. Eles cantavam que suportariam, não importaria o que viesse a acontecer, pois estariam nas mãos de Deus, e com seus corpos gesticulavam para o transcendente.

Estou Em Suas Mãos

*Tradução da canção Life In Your Hands
do cantor afro americano Kirk Franklin*

*Não te desanimes, não temas mal algum
A luta logo passa e a alegria cedo vem
Tem alguém chamado Cristo que vai te consolar
Se o coração está ferido levante as mãos e diz*

***Eu sei que tudo eu posso eu posso suportar
Não me importa o que me aconteça
Estou em tuas mãos***

***Com Cristo tudo eu posso eu posso suportar
Não me importas o que me aconteça
Estou em suas mãos***

*E quando a luta vem parecendo não ter fim
E logo seus amigos querem te abandonar
Tem Alguém chamado Cristo que vai te consolar
Se o coração está ferido levante as mãos e diz*

Refrão

Esta cena foi gravada em um corredor de hospital, um dos complexos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, o grupo *Family Soul* estava realizando o desejo do seu líder, de tocar e cantar a canção que ele mais gostava. Com dedos magros, pulseira de identificação de paciente internado, cateter intravenoso, Eliezer acompanhou a canção calado, concentrado nos caminhos harmônicos e mudanças de tonalidade da canção. Na gravação está registrado o

grupo cantando e repetindo o refrão, com modulação de tonalidade. Segundo Valéria Antunes, Eliézer apreciava esta canção e em diferentes momentos da internação hospitalar cantavam juntos, inclusive nos seus últimos momentos de vida em que alguns do grupo estavam presentes.

O segundo vídeo (vídeo2) foi um documentário, no qual Eliézer falava sobre a transformação que a descoberta da doença causou em sua vida. Aos vinte e seis anos de idade, três anos de casado e com um filho, ele foi diagnosticado com câncer padrão ósseo, em fase muito avançada, com estimativa de vida para apenas alguns meses. Ele contou que passou por conflitos emocionais, psicológicos e físicos, por inicialmente não entender o porquê que ainda jovem, recentemente casado, e com uma carreira musical pela frente estava passando por aquela situação. Segundo ele, suas forças foram renovadas quando cristãos começam a ajudá-lo e visitá-lo. Ele começou a modificar seus valores e ver naquela situação uma oportunidade de Deus, para que pudesse exercer a fé, a caridade, o amor e a leitura da Bíblia, vivendo cada dia como se fosse o último.

Este foi meu início de pesquisa exploratória, um momento impactante, onde me envolvi naquela atmosfera de tristeza, pois meu irmão estava passando por uma situação parecida, câncer no pâncreas, que o levou a falecer depois de quatro meses.



Figura 4 – Foto de Eliézer Felix publicada na página do Family Soul

Toda perda produz transformações significativas em uma trajetória. Continuar a caminhada sem a presença de alguém importante é um desafio constante. Eu como pesquisadora deveria prosseguir sem o meu irmão que fomentava em mim um espírito questionador e inconformado com o mesmo, um grande encorajador. O grupo *Family Soul* continuou mesmo sem aquele que idealizou a proposta de construir uma musicalidade como a das igrejas afro-americana. O grupo passou por um processo de mudanças com a perda que sofreu, pois além de líder integrante do grupo, pertencia a família de alguns deles.

No segundo semestre de 2016 a minha referência de procura pelo grupo para os primeiros contatos foi à igreja Renovação Mundial, e em uma sexta feira à noite fui até o templo localizado na zona norte de Porto Alegre, com a intenção de iniciar o primeiro contato com o grupo, mas para minha frustração, o grupo que desejava pesquisar não estava lá, e na igreja havia uma representatividade negra muito pequena. No grupo de louvor congregacional estavam os irmãos do pastor, aqueles que sempre tocavam na igreja do pastor Joãozinho, mais um baterista e quatro mulheres no vocal. Eles cantavam canções conhecidas da igreja, que acompanhava. Assisti a reunião até o final, inquieta com a possibilidade do grupo não mais existir.

Comecei então a procurar contato pelo Facebook, e encontrei a página do grupo. Reconheci-os pela foto postada, porém o nome era outro. Na página continha a proposta musical do grupo, nomes de cantores afro-americanos e grupos brasileiros gospel que se dedicam à musicalidade com performance negro americana, e que são referência para o grupo, fotos e vídeos de participações em cultos e a agenda com programação das próximas participações que aconteceriam em diferentes denominações evangélicas.

Na agenda estava prevista participação musical na igreja Emanuel, localizada na cidade de Alvorada. Já conhecendo a localização, o que fica bem no início da cidade próximo a divisa com Porto Alegre, direcionei-me ao local com o objetivo de participar do culto e assistir ao grupo *Family Soul* pela segunda vez. Escolhi o trajeto mais curto por dentro do meu bairro para acessar o final da Avenida Baltazar de Oliveira Garcia, que liga a cidade de Alvorada. Ao chegar ao templo, os membros da igreja foram receptivos, cumprimentando na entrada a todos que chegavam. As cadeiras e o altar estava lateralizados, à esquerda o altar e à direita cadeiras brancas de plástico. Já tinha no local cerca de cem pessoas aguardando o culto iniciar. Enquanto isto, o grupo *Family Soul*, já presente, estava no altar regulando o som dos microfones, e organizando os instrumentos musicais. Naquela noite o grupo estava composto

por dez pessoas, cinco mulheres e dois homens no vocal, que se posicionaram a direita, e três instrumentistas à esquerda.

Próximo das vinte horas, o pastor responsável pela igreja iniciou o culto e, após uma oração com toda a igreja, passou para o grupo ministrar o louvor. Minha expectativa naquele momento era presenciar mais uma performance musical como à que assisti pela primeira vez, porém as participações foram diferentes do que imaginava. O grupo *Family Soul* cantou, durante uma hora, seis canções dos gêneros gospel e soul, canções alegres que impulsionavam as palmas e a dança. Mesmo sem saberem a letra das canções, a igreja permaneceu em pé, marcando o pulso destas com palmas e alguns com movimentos corporais. A última canção foi em ritmo lento preparando o momento da ministração do sermão, que foi realizada por um pastor da igreja Comunidade Ágape. Este pastor antes de iniciar o sermão elogiou o grupo e disse não estar acostumado com canções alegres assim, ritmadas, e entre risos, comparou-os com o grupo musical Fat Family.

Neste primeiro encontro, de pesquisa exploratória, percebi os diferentes modos de participação, que se diferenciavam em cada denominação - só ali naquela noite havia mais de três denominações representadas, com modos distintos de se relacionar com a música para adoração, independente do grupo étnico racial. A proposta de musicalidade e performance corporal apresentada pelo grupo parecia ser distante da prática cotidiana daquela igreja.

Depois deste evento, e através de contato telefônico (divulgado na página do grupo), iniciei a primeira aproximação com eles através da Valéria Antunes, cantora e responsável pela agenda do grupo. Apresentei-me, falei em que igreja congregava, como tinha conhecido o grupo no evento da BZN,¹⁴ a oportunidade que tive de ingressar no mestrado da UFRGS e o desejo de realizar minha pesquisa com o grupo Family Soul. Com simpatia, ela parabenizou pelo feito e se sentiu privilegiada em terem sido escolhidos para pesquisa, nesta oportunidade me explicou as modificações que tinham ocorrido com o grupo, estavam em um formato independente. Os componentes do grupo congregavam em igrejas distintas, mas os ensaios aconteciam na COGIC Luz do Mundo na cidade de Alvorada. Agendamos um primeiro encontro com todo o grupo para saber se todos aceitariam em participar.

¹⁴Sigla referente à igreja Batista da Brasa localizada na zona norte de Porto Alegre (BZN)



Figura 5-logotipo da igreja COGIC de alvorada

Antes do primeiro encontro com todo o grupo Valéria me convidou para visitar a igreja COGIC Luz do mundo, pastoreada por Sandro Wegher na cidade de Alvorada, em um domingo à noite, no culto da família. Procurei a localização no Google Maps e direcionei-me para encontrar a igreja. Chegando perto, solicitei ajuda aos moradores da região, que indicaram o local correto. O templo estava situado na parte superior de um prédio de dois pisos. Na lateral do prédio uma entrada para o estacionamento dos carros e à direita lances de escada para acesso ao templo. Entrando na igreja, estavam cerca de trinta pessoas aguardando o início da reunião. Como já conhecia Valéria, pela foto postada na página do grupo, direcionei-me até ela e me apresentei. Após nos conhecermos pessoalmente fui apresentada para Fabrícia (cantora do grupo) e para outros que estavam por perto.

Próximo das vinte horas o culto começou com uma leitura bíblica em I Coríntios 4:9. Após a leitura e oração o grupo de louvor cantou algumas canções com a igreja. Em um primeiro momento pensei que aquele era o grupo *Family Soul*, pois a maioria dos integrantes do grupo estavam ali, mas no final do culto Valéria explica que aquele era o grupo de louvor da igreja. Composto por quatro vocalistas e três instrumentistas, cantaram canções gospel com sopranos e contraltos. A igreja interagiu marcando com palmas o pulso das canções. Algumas letras eram conhecidas e o canto tornava-se coletivo. As que não eram conhecidas eram acompanhadas com palmas.

Naquela noite quem ministrou o sermão foi Valéria, que desenvolveu sua fala a partir da leitura do livro de Mateus 14:22-33,¹⁵ falando sobre a temática da importância de vencermos nossos medos e confiarmos em Jesus. A mensagem foi emitida com eloquência e a interação da igreja com frases de concordância. Durante a pregação, um solo ao teclado acompanhava a intensidade de sua fala, que em alguns momentos, se tornava melodiosa. Percebi que a oração também seguia este padrão, passando da fala para uma melodia. No final

¹⁵Primeiro livro do novo testamento Bíblico, a referência esta localizada no capítulo 14 e versículos 22 e 33.

da ministração, Valéria fez reflexões sobre os medos que nos afligem no cotidiano e a necessidade de confiarmos nos braços de Jesus. Este momento foi finalizado com a canção *Em Teus Braços*, uma composição da cantora gospel Laura Souguellis. Enquanto esta canção era entoada, todos foram convidados a irem até a frente do altar para que o pastor da igreja e uma missionária orassem pelas pessoas com imposição de mãos. A canção foi repetida por várias vezes em um volume alto, acompanhado pelo teclado, bateria e contra baixo, até que todos recebessem a oração.

No final do culto, Valéria me apresentou ao Jessé (tecladista e baterista) que também é aluno da UFRGS, cursando bacharelado em música popular. Conversamos brevemente sobre a proposta de pesquisa, minha ligação com a igreja Assembleia de Deus e a nova proposta independente do grupo, cujos componentes congregavam em igrejas diferentes e naquele momento alguns estavam cooperando nas suas congregações.

Combinamos o ensaio seguinte para conversar com todo o grupo. Na quarta-feira seguinte, à noite, foi meu primeiro encontro com o *Family Soul*, onde pude me apresentar e conversar sobre minha intenção de pesquisa. O grupo foi muito receptivo, queriam compreender a proposta da pesquisa e solicitaram que ao final compartilhasse com eles a escrita do trabalho para que pudessem divulgar.

Uma experiência muito pertinente para meu início de pesquisa foi o estudo de Burnim (1985), pesquisadora negra cristã, que investigou denominações evangélicas afro-americanas diferentes. A autora sinalizou a importância que os interlocutores demonstravam ao colaborar, rompendo barreiras denominacionais e desejando que suas músicas fossem escritas com precisão e sensibilidade.

Ser cristã, pertencer ao mesmo grupo étnico e residir na mesma comunidade foram fatores importantes tanto para estabelecer vínculo, como para compreender a realidade do contexto. Assim como Favret-Saada (2005), que para compreender o campo emergiu em experiências reais, não por empatia, mas por estar no lugar do outro. Eu como pesquisadora estava na mesma posição de meus colaboradores, compartilhando das mesmas sensações emocionais e visões de mundo. A autora entende que para uma compreensão significativa, o lugar e as intensidades que lhe são ligados, têm então que ser experimentados (Saada, 2005, p. 159).

O grupo musical Family Soul iniciou sua história em 2007 na igreja Renovação Mundial COGIC (RM COGIC), situada na Avenida Baltazar de Oliveira Garcia, zona norte da cidade de Porto Alegre, com o nome RM Soul, em referência ao nome da igreja. O pastor

Eduardo, fundador da igreja Renovação Mundial, confiou a Eliezer a missão de formar um grupo de louvor congregacional na igreja, e com o desejo de construir uma musicalidade inspirada nos grupos musicais evangélicos afro-americanos, Eliézer convidou parentes e amigos, que compartilhavam da mesma idéia, para participar. Conversando com os integrantes eles revelaram que a proposta que receberam foi o que sempre procuravam e queriam, mas não encontravam nas denominações que frequentavam até então. Por nove anos o grupo RM Soul cumpriu a agenda interna da igreja, colaborando nos cultos e eventualmente se apresentou em outras denominações ou espaços seculares.

Em 2016, o grupo passou por modificações e de RM Soul o nome do grupo passou para *Family Soul*. Os integrantes que congregavam na mesma igreja, pertencem agora a igrejas diferentes. O grupo atualmente é formado por oito integrantes, o tenor Paulo e o tecladista, baterista e produtor musical Jessé que continuam congregando na Renovação Mundial, a mezzo-soprano Valéria, as contraltos Fabrícia e Valeriê, o baixista Jedielson, e o baterista Samuel, migraram para a igreja COGIC Luz do Mundo- da cidade de Alvorada e o tenor Ramiro pertence á igreja Assembleia de Deus de Porto Alegre. Por este motivo a atuação do grupo tornou-se independente, ou seja, fora da responsabilidade de uma denominação evangélica específica. Além do abalo que a perda do líder ocasionou, outro fator relevante para estas modificações foi o desligamento da igreja Renovação Mundial com a igreja Deus em Cristo (COGIC), igreja de origem afro-americana. Alguns integrantes entendem que a abertura para uma liberdade expressiva negra na igreja, só foi possível, por estarem ligados à igreja afro-americana Deus em Cristo. Atualmente o grupo é convidado para participar, nos cultos e em eventos culturais de diferentes denominações evangélicas de Porto Alegre e região metropolitana.



Figura 6 - Grupo Family Soul

Inicialmente imaginava que eles tivessem ingressado na igreja com uma nova proposta performática sob influência secular, mas a partir do diálogo e entrevistas descobri que os integrantes do grupo cresceram em igrejas evangélicas como Assembleia de Deus, Igreja do Nazareno e Deus É Amor, participando de grupos musicais nestas denominações. O desejo e a construção de uma musicalidade e performance negra foi construída a partir do acesso e escuta de cantores e grupos musicais dos Estados Unidos e do Brasil, que se dedicam em compor canções e manter identidade performática étnico-racial. A escolha do repertório é realizada por todos, cada um pode compartilhar uma canção que apreciar no grupo do WhatsApp, e todos podem opinar sobre a escolha, escutar e memorizar sua voz ou instrumento para que no ensaio cada um saiba a letra, arranjos e melodia das canções. Cantores negros norte americanos como Kirk Franklin, Donnie Mc Kurclin,¹⁶ e grupos nacionais que compõem ou interpretam canções de cantores afro-americanos como: Raiz Coral,¹⁷ Coral Resgate¹⁸ são algumas de suas escolhas, com expressões do gênero *gospel* e *soul*.

As conexões com o universo afro americano teceram novas formas de se relacionar com a música no ambiente religioso, transformando e (re)significando padrões pré-estabelecidos, através dos trânsitos culturais mediados pela globalização. Hall (2005) reflete sobre as constantes mudanças na identidade cultural. Segundo o autor;

Um outro aspecto desta questão da identidade está relacionado ao caráter de mudança na modernidade tardia; em particular, ao processo de mudança conhecido como “globalização” e seu impacto sobre a identidade cultural (HALL, 2005, p. 14).

O autor entende que, o efeito da globalização sobre as identidades culturais se dá, através de processos em escala global, conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo. Estas conexões são percebidas em primeiro momento nos repertórios musicais, na performance do grupo, no entendimento de como ser negro cristão.

¹⁶Cantor afro-americano do gênero *gospel*, apresentador de rádio *gospel* americana, conquistou prêmios de melhor música na categoria evangélica.

¹⁷ Coral formado no ano de 2000, composto por afro-brasileiros da zona sul de São Paulo, focados nos gêneros da *black music* evangélica.

¹⁸Grupo de louvor da Comunidade Resgate para a Vida, filial da igreja Pentecostal Church of God in Christ, formado por maioria negra, dedicam-se aos gêneros musicais afro-americanos.

1.2 Ensaaios

Apesar de trabalharem em diferentes profissões, como: vendedor, corretor de imóveis, professor de música, músico do exército, eles dedicam-se ao estudo do repertório musical do grupo em casa, nos ensaios conjuntos realizados uma vez por semana na cidade de Alvorada, e cumprem a agenda nos finais de semana em diferentes denominações evangélicas.

Inicialmente os ensaios aconteciam nas quartas-feiras. Com horário combinado para iniciar às 20:00, aos poucos eles chegavam, vindos do trabalho. Algumas vezes faziam um lanche rápido na igreja e logo iniciavam o ensaio. Nos primeiros ensaios que assisti, eles estavam preparando uma canção de autoria de Eliezer (fundador do grupo que faleceu em 2016), para gravar um jingle em Studio, e estavam passando os arranjos instrumentais e vocais. Durante alguns ensaios dedicaram-se em aperfeiçoar esta canção, reunidos na igreja COGIC de Alvorada, formavam um círculo, sentados em cadeiras. Valeriê, filha de Valéria e contralto do grupo, era a responsável por regular os microfones, fazendo teste individual com cada integrante. Enquanto um ajustava o microfone, os outros conversavam sobre diferentes assuntos. Depois de tudo pronto, iniciavam o ensaio.

A canção, *A Maior Obra*, uma das composições de Eliezer, foi preparada em vários encontros de ensaio, para ser gravada em estúdio. A canção já estava memorizada, eles não faziam uso de letras escritas ou partituras. O aprendizado da canção, naquele momento, foi realizado através da escuta. Quando em alguns momentos do ensaio eles esqueciam um caminho melódico da canção, recorriam a um áudio de demonstração gravado no celular que lhes guiava como exemplo. A gravação desta canção foi algo importante para eles, que se prepararam durante vários ensaios.

O ensaio começou com uma canção que será grava em estúdio. Este dia estava destinado para o vocal, o ensaio anterior tinha sido só para instrumentistas. Eles ensaiaram trechos da canção separadamente com o teclado e em alguns momentos recorriam a um áudio gravado, em um dos celulares. O tecladista orientava a harmonização vocal que em alguns momentos eram reelaborados. Não defini quem era o regente líder, pois cada um, em momentos diferentes, opinavam quanto o desempenho dos arranjos, a afinação e dinâmica da canção. (nota de campo 05/10/16)

A Maior Obra

*A maior obra já fez a maior de todas já cumpriu pra me salvar, perdoar,
 Não a maior provação como a que Jesus passou por mim, por ti, por nós,
 Eu não merecia tanto amor, como o que Jesus demonstrou,
 Lá na cruz ele pagou, por erros que não cometeu,*

*Eu Te agradeço meu Senhor pela minha vida e com louvor quero Te adorar
 Eu Te agradeço meu Senhor por tudo que fez e com toda força quero celebrar
 Eu Te agradeço meu Senhor pela minha vida e com louvor quero Te adorar
 Eu Te agradeço meu Senhor por tudo que fez e com toda força quero Te adorar
 Te adorar, Te adorar, Te adorar, Te adorar...*

Letra: Eliezer Felix

Arranjos e produção: Jessé Ramos



Figura 7- Single *A maior Obra*, postada na página do grupo.

Nos ensaios percebi que todos tinham a liberdade de sugerir mudanças de arranjos ou sinalizar quando a outra voz estava cantando em um caminho melódico diferente do combinado. Na primeira entrevista com o grupo tive o interesse de saber quem era o líder, eles explicaram que o grupo não tinha um líder, e sim que todos assumiam a mesma responsabilidade.

Quando assumimos o formato de uma banda independente, cada um tem que ser líder de si, senão fica uma carga muito pesada para um só. Então a tendência de uma banda independente é que as pessoas relaxem, porque não tem um pastor dentro de uma igreja monitorando. Até o nome quando nós nos tornamos independentes ficou Family Soul porque a gente virou família, nós vivemos mais juntos entre nós, do que com as nossas próprias famílias. (Valéria Antunes)



Figura 8- Ensaio dia 19/10/2016

O ensaio semanal é o momento de preparar as canções que serão apresentadas nas igrejas em que são convidados para ministrar com sua musicalidade, geralmente nos finais de semana. Nestes encontros eles escolhem o repertório que será apresentado, ensaiam várias vezes ajustando vozes e dinâmicas juntamente com os instrumentistas, que entre si, ajustam harmonias ou realizam ensaios separado das vozes. Os ensaios são também um momento de

sociabilidade, eles repetem muitas vezes a mesma canção até que esteja pronta para a apresentação, mas também nos intervalos conversam ,brincam, riem, e fazem comentários uns dos outros (sobre os cabelos, roupas e atividades externas) como família.



Figura 9 - Ensaio dia 19/10/2016

Nos ensaios não visualizei performance com movimento corporal ou danças, as canções eram ensaiadas, na maioria das vezes, com todos sentados, em círculo, com a atenção voltada para a prática do canto e instrumentos. Em um dos ensaios um integrante sinalizou a importância de ensaiar alguma canção conhecida (repertório conhecido da maioria das igrejas evangélicas), para que a interação com a igreja fluísse melhor. Para estas canções conhecidas do público gospel, eles tinham a preocupação de inserir características que mantivesse a identidade do grupo, construindo uma harmonia vocal e arranjo instrumental próximo aos gêneros afro-americanos (*Soul, Gospel*). Quando o ritmo parecia estar se aproximando de outro gênero, como samba, alguém sinalizava o distanciamento da identidade pretendida do grupo.

A identidade musico-performática pretendida do grupo é espelhada nas práticas musicais das igrejas afro-americanas, que se distancia, na maioria, dos modelos cristãos brasileiros e alguns gêneros populares. Nesta busca, diferentes modelos musicais cristãos e seculares se misturam e se confundem. Hall (2005) entende que;

Assim em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas

através da quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado de plenitude (HALL, 2005, p. 39).

O momento do louvor congregacional é destinado para que todos os presentes se envolvam, interagindo com canto, danças e/ou palmas. Turino (2005) caracteriza este evento como ocasiões sociais interativas, em que as pessoas entendem e sabem antecipadamente que a música e a dança serão atividades centrais, e que se espera que elas se juntem para participar. A intenção de agregar repertórios conhecidos da maioria dos envolvidos no culto, é fruto de reflexões sobre os tipos de interações que acontecem nos eventos que participam, adaptando repertórios em busca de um envolvimento maior das pessoas.

A canção *O Que Tua Glória Fez Comigo* foi escolhida para o ensaio realizado na noite de 16/11/2016. Esta composição é interpretada, atualmente, por diferentes cantores cristãos brasileiros. O grupo se empenhou coletivamente para harmonizar as vozes, cada um em momentos diferentes, sugerindo caminhos melódicos e dinâmicas para cada voz, com a intenção de aproximar a canção a identidade da música negra afro americana. Em certo momento Wagner, o baterista, sinalizou que a canção estava parecida com sertanejo e entre risos eles discutiram outras possibilidades, e como tentativa inseriram o violão com ritmo sincopado.

O que Tua Glória Fez Comigo

Eu me rasgo por inteiro
Faço tudo, mas vem novamente
Eu mergulho na mirra ardente
Mas peço que Tua presença aumente

E se eu passar pelo fogo, não temerei
Na tua fumaça de glória eu entrarei
Longe do Santo dos Santos não sei mais viver

Quem já pisou no santo dos santos em outro lugar não sabe viver Onde estiver clama pela gloria a glória de Deus

Ao mesmo tempo que escolheram uma canção conhecida do público cristão de diferentes denominações, queriam manter a identidade do grupo. Ficaram um bom tempo dedicados à construção de um arranjo vocal e instrumental e interromperam o ensaio desta canção por não entrarem em um consenso na composição do arranjo.

No ensaio do dia 24/06/2017 o grupo fez uma transmissão ao vivo de alguns momentos do ensaio, divulgando na página oficial do grupo. Simultaneamente alguns seguidores comentavam, elogiando a performance musical do grupo.



Figura 10- Ensaio dia 24/06/2017- (Vídeo 3)

Em uma conversa no final de um ensaio, Valéria Antunes compartilhou sua trajetória musical e os caminhos que percorreu até se estabelecer na COGIC. Seu envolvimento com o universo musical iniciou na igreja Deus É Amor, onde congregou desde criança com sua família. Nesta igreja ela fez parte de um grupo musical que se apresentava durante os cultos. Mesmo sem enriquecer detalhes sobre o que acontecia nesta igreja, compreendia sua fala. Na minha infância e adolescência eu e minha família a visitávamos frequentemente, e em nosso diálogo sintonizamos o entendimento das dinâmicas dos cultos e das práticas musicais que acontecem no contexto da igreja Deus É Amor, da rigidez quanto a estética visual e uso do corpo. Fiquei surpresa, inicialmente, pela sua transformação performática no decorrer da trajetória entre as igrejas, e ela comentou que a maioria das pessoas se surpreende também.



Figura 11 - Valéria Antunes- Foto divulgada na página do grupo

Com o objetivo de desenvolver novas habilidades musicais e ampliar suas experiências através da música, Valéria migra para a igreja Assembleia de Deus da cidade de Alvorada, e por um bom tempo atuou como cantora de um grupo musical e se dedicou ao estudo do canto em escolas formais de ensino.

Atualmente Valéria é pastora administrativa da COGIC na cidade de Alvorada, participa do grupo de louvor congregacional, ministra sermões na sua igreja e em outras denominações evangélicas; é também uma das escritoras do blog *Fora da Caixa*.

2. HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS

Neste capítulo será apresentada a história de alguns integrantes do grupo, permitindo a cada um deles compartilhar suas experiências de ser negro em espaço evangélico e as lembranças de momentos importantes e que marcaram suas vidas como grupo.

Para conhecer a história do grupo escolhi entrevistar integrantes que participaram da fundação juntamente com o Eliezer. A trajetória musical de cada um se iniciou em outras denominações evangélicas, com estudo específico de instrumentos musicais ou participando no ministério de louvor e corais destas igrejas. Pertencentes à mesma família, Jessé Ramos, Jedielson e Fabrícia Felix relatam como tudo começou, e suas experiências como músicos cristãos.

2.1 Etnografia da Alma

JESSÉ RAMOS



Figura 12- Jessé Ramos, baterista do grupo Family Soul

Em setembro de 2017, realizei entrevista com Jessé Ramos, em um local reservado no Programa de pós-graduação em música. Jessé é baterista, tecladista, produtor musical, e estudante do bacharelado em música popular da UFRGS. Ele contou que quando criança

pertencia, juntamente com seus pais, à igreja Assembleia de Deus da cidade de Viamão. Ele lembra que na sua infância estava inserido em um universo musical, pois seu pai tocava órgão e sua mãe era regente do coral, mas somente aos doze anos despertou nele o desejo de estudar música. Estudou teoria durante um ano, no grupo de música da igreja, ministrado por seu pai, e depois iniciou o estudo de teclado, mas após seis meses, desanimou de estudar o instrumento.

Eu sempre tive boa leitura, de repente é por causa desse um ano que eu fiz separado, então eu não julgo muito... tipo isso é errado, tal um ano, pra mim foi interessante, porque se eu tivesse no teclado de repente eu não teria ido bem, porque aí o cara fica no instrumento quer tocar, mas esse um ano, 'um ano não toco teclado! 'vou estudar teoria! não tem salvação, tem que estudar pra prova mesmo! Então a leitura eu desenvolvi bem, mas aí bah, chegou no meio do ano e eu já estava enjoado daquilo ali, daí eu chegava no louvor da igreja, o tecladista metia acorde sabe?! Fazia uma coisa totalmente diferente que eu fazia em casa. [sic]

Em meados dos anos 90 sua mãe recebeu um convite do Eduardo Flor,¹⁹ tio de Jessé, que também é músico, para visitar a igreja em que congregava, denominada *Encontros De Fé*, que na época estava localizado no Teatro presidente na Av. Benjamin Constant, e ao chegar à igreja ele ficou admirado pela estrutura do templo.

Quando eu cheguei lá eu achei demais, um teatro, nunca tinha visto, foi a primeira vez. O legal do teatro Presidente, que foi um marco pra mim, não só o visual, mas o áudio era muito bom, acho que na época não tinha nenhuma igreja que se comparasse com a qualidade sonora, então aquilo ali impressionava muito. Daí quando eu vi o batera tocar, o Samuel, um branco, ele tocava com tanta alegria aquela bateria, que cativou demais, sabe, rindo e tal, daí eu disse: é isso que eu quero fazer. A alegria que ele passou no instrumento foi o que me fez querer também fazer, sabe?! Ai eu enlouqueci com aquilo,

¹⁹Cantor Gaúcho da música gospel.

aí eu voltei pra casa e no outro dia eu peguei o Cassiozinho do meu pai, peguei ali, e já sabia mexer nos botões, meti a batera, daí eu comecei a pegar os discos do meu tio lá em casa, ele tinha muitos discos de vinil, antigo, colocava os discos e ficava fazendo a bateria no teclado.

Este encontro modificou sua relação com a música, passando ele a dedicar-se ao estudo do instrumento e participar de grupos musicais e corais na igreja. O universo de possibilidades de gêneros musicais no meio evangélico foi ampliado quando seu amigo, Giovani, tecladista da congregação, apresentou-lhe as bandas que estavam se destacando naquela década, no contexto *gospel* de outros estados.

Eu me lembro que antes de comprar a bateria, eu era muito amigo do tecladista da congregação, a gente ficou amigo, depois que eu decidi ser músico, aí eu lembro que todo dia antes de ir pra aula, eu passava na casa dele, e eu lembro que eu era muito assembleiano ainda, eu só conhecia os hinos da harpa, só conhecia as músicas do coral. Alguns sertanejos que eles cantavam, daí ele começou a mostrar oficina G3,²⁰ Katsbarnea,²¹ banda de rock, assim, na igreja, eu nunca tinha visto, daí eu disse: eu não acredito que isso aí tem na igreja, Oficina G3 tocando rock pesado dentro da igreja, aí eu enlouqueci, e todo dia antes de ir pra aula eu passava no Giovani.

Seu amigo também o fez saber das produções que seu tio, Alexandre Malaquias²² tinha realizado no CD do cantor Paulo Figueiró,²³ da igreja Encontros de Fé, que na década de noventa fez grande sucesso entre os cristãos do estado. Suas canções marcaram uma época, e ainda são cantadas no momento do louvor congregacional em diversas igrejas.

Eu me lembro que um dia ele estava com uma fita cassete lá na igreja, e ele pegou e colocou o Paulo Figueró, a fita cassete do Espírito, que

²⁰ Banda brasileira de rock *gospel*, fundada na cidade de São Paulo em 1987.

²¹ Banda brasileira de rock *gospel*, fundada na cidade de São Paulo em 1988.

²² Maestro, cantor e compositor da música *gospel*, suas composições já foram interpretadas por cantores evangélicos e católicos de destaque nas mídias brasileiras.

²³ Cantor da música *gospel* e pastor da igreja Encontros de fé no Rio Grande do Sul.

tinha o celebrai, tinha todas as músicas que eles cantavam lá, daí eu disse, “Que louco isso aí!” Daí ele disse: -Pois é, tá ligado que foi teu tio que fez isso aí tudo né?! - Como assim, meu tio? – Sim, teu tio, o Malaquias. Porque o Alexandre Malaquias também é meu tio, que era produtor do Paulo Figueiró, o arranjador, que fez tudo, fez bateria, fez teclado, fez o baixo desse CD O Espírito, ele fez tudo. Eu disse “Meu tio, tá de brincadeira que o Alexandre faz tudo isso?!” Porque eu não sabia no que o Alexandre trabalhava, até então eu era gurizinho, no almoço em família, eu achava ele muito engraçado, mas até então, não sabia no que ele trabalhava. Então eu peguei a fita e fiquei fascinado pelo Alexandre, eu escutava direto e pensava “Um dia eu quero fazer isso aí, um dia eu quero ser músico”.

Mesmo sem ter bateria ainda, Jessé participava do conjunto da igreja, fazendo som de elementos da bateria no teclado, seu pai ao descobrir que ele, mesmo no teclado tocava muito bem bateria, acompanhando os hinos da harpa na igreja, decidiu investir e comprar uma bateria.

Eu lembro que o meu pai disse:- Eu vou levar essa bateria pro teu tio afinar, aí o Malaquias me deu o contato de um professor de bateria, porque até então eu achava que bateria era só bater, era só sentar e sair batendo, não existia professor. Quando eu cheguei na casa do Cleber, que foi meu primeiro professor, e vi ele tocando bateria, eu disse: -Isso aí é monstruoso, eu nunca imaginei que bateria pudesse fazer isso. E aí que começou minha trajetória musical, de estudo mesmo, de conhecer o instrumento e tal.

Eu ia para o colégio, do colégio eu almoçava, uma e trinta eu sentava na batera e só saía as cinco, todo dia, como se fosse um serviço. Então minha formação musical foi assim, foi estudado, eu nunca fui aquele cara autodidata, eu sou mais autodidata é no teclado, pois não tive muitas aulas, na bateria eu sempre tive acompanhamento de professor, tive cinco anos de estudo de bateria.

Na igreja Assembleia de Deus participou como baterista em grupo musical e coral jovem, com apresentações locais e em cidades vizinhas, como Cachoeirinha, Esteio, Canoas. Essas novas redes de sociabilidades proporcionaram uma visibilidade maior como baterista profissional, sendo convidado para ministrar aulas de bateria em igrejas, workshop e particulares. Aos dezessete anos é indicado pelo seu professor para tocar na igreja Nazareno, onde passou a congregar por cerca de cinco anos. Jessé relembra como seus primos se envolveram com a música e começaram a congregar juntamente com ele na igreja Nazareno.

Eu fui na Nazareno e meus primos todos, Elezer, Jedi, o Eliezer era gurizinho, eu lembro que ele começou a freqüentar a minha casa, e ele era muito meu fã, porque na época eu estava gravando com Asaf, eu estava gravando com os cara famosão [sic] aqui no sul, então na minha família era eu e o Malaquias.

O Jedi sempre teve facilidade com música, lembro que eu estava estudando música e ele pegava a batera e tocava mais que eu, na época, só que aí depois o negócio começou a inverter, e eu já tinha estudo, já fritava mais, aí aconteceu que eu comecei a ser o cara mais requisitado dentro da família como músico.

Eu lembro que fui pra Nazareno, e o Eliezer começou a frequentar a minha casa, e dizer que estava começando a tocar teclado, mas ele era gurizinho. Eu tinha um teclado em casa, ele era muito meu fã e tal, ele queria ser que nem eu, que nem o Malaquias, viver disso. Então eu disse que ele estava no lugar certo, vou te ensinar tudo que eu sei, daí eu comecei a ensinar ele a teoria musical, eu lembro que vinha em casa, eu não cobrava nada dele, ele vinha por ele mesmo, ele sempre foi um cara muito centrado, ele lia os livros e de madrugada, a gente olhava fitas cassete sempre relacionado com música, ele ia lá pra casa dormia lá e eu lembro que depois de madrugada ele ficava no teclado. Depois ele começou a freqüentar o Nazareno comigo, aí disso ele puxou o Jedielson, aí começou a nossa família sempre estar no mesmo lugar, a gente ficou na Nazareno muitos anos. Depois da igreja Nazareno, eu fui pra São Paulo, eles continuaram na igreja Nazareno, e eu sei que eles saíram da Nazareno e quando eu voltei (de São Paulo) eles já estavam com o

Eduardo Flor, que tinha saído do Encontros de Fé e estava na igreja Junto ao Pai. Eu os acompanhei, pois não queria ficar na igreja Nazareno sozinho. Aí nessa época o pastor Eduardo Soares estava começando um ministério novo e meu primo, o Eliezer me chamou, e não deu muito tempo e o Jedielson estava junto. Nossa família sempre esteve junto, sempre unida, assim, musicalmente, e aí eu cheguei na RM.

No estado de São Paulo Jessé trabalhou em estúdios, gravando CDs de diferentes grupos musicais e cantores, entre eles a cantora gospel Elaine de Jesus e do padre Reginaldo Manzotti. Segundo ele, o ano que permaneceu no estado de São Paulo foi um momento importante, pois as experiências e trabalhos realizados ampliaram sua visão em relação ao mercado. Ao retornar para Porto Alegre voltou com uma nova experiência, recebendo novas oportunidades de trabalho; foi regente da banda marcial de Viamão e atualmente ministra workshops, aulas de bateria e atua como músico do exército.

FABRÍCIA FELIX E JEDIELSON FELIX



Figura 13 - Fabrícia, contralto do *Family Soul*



Figura 14 – Jedielson, contrabaixista do *Family Soul*

A cantora Fabrícia congregava, juntamente com sua família, na igreja EVRED (Evangelho do Reino de Deus). Desde criança demonstrou gosto pelo canto, sendo convidada pelo pastor para cantar nas reuniões. Sempre envolvida nas atividades da igreja, ela conta que tinha grande apreço em colaborar na organização e participar dos eventos que a igreja

organizava para os jovens. Tempos mais tarde, ela e a família migram para outras igrejas evangélicas, seus pais decidiram congregar na igreja Batista da Brasa da Zona Sul e ela preferiu permanecer na igreja do Nazareno, localizada na zona norte de Porto Alegre. Nesta igreja logo se envolveu no ministério de louvor e desenvolveu novos aprendizados musicais.

Não sei te dizer em que momento Deus me deu esta aptidão, assim, com relação à separação de vozes, por exemplo, eu sempre identifiquei, porque eu cantava com minha irmã na EVRED, e a gente fazia dupla sertaneja, então a gente ouvia as músicas e a gente tentava perceber qual eram [sic] as vozes que tinham e ficava mais confortável pra gente fazer, uma solava e a outra fazia uma segunda voz que ficasse confortável dentro do nossa região vocal, e dentro disso Deus nos deu essa aptidão de perceber todas as vozes dentro de uma música. Então quando a gente chegou ali na igreja do Nazareno, que foi minha primeira experiência com divisão de vozes, com separação vocal, com alguém orientando, e não pela minha cabeça, pelos áudios que eu ouvia, foi ali na igreja do Nazareno. Então ali Deus aperfeiçoou um pouco mais. Eu conheci o Eliezer também, que era o arranjador dali, era quem passava as vozes e ele explicava detalhadamente o que a gente estava fazendo, então ali eu pude afinar um pouquinho o meu conhecimento e na verdade entender aquilo que eu fazia, porque eu fazia só porque sabia que dava pra fazer, mas não entendia o que eu estava fazendo, então ali eu comecei a aprender.(Fabrícia)

Nesta igreja Fabrícia conhece seu atual esposo, Jedielson, que também participava do ministério de louvor. Jedielson quando criança congregava juntamente com sua família na igreja Assembleia de Deus, na cidade de Viamão, onde participava como baterista em várias bandas. Aos dezoito anos ele migrou para a igreja do Nazareno para acompanhar o primo e seu irmão, iniciando como percussionista do ministério do louvor desta e substituto do baterista. Em certo momento eles aceitam o convite de seu tio Eduardo Flor, que estava iniciando uma nova igreja, denominada Junto ao Pai, com o objetivo de ajudá-lo e formar um grupo musical. A igreja era localizada na zona norte de Porto Alegre, porém só permaneceu durante um ano. Eliezer foi o primeiro a migrar para a igreja Renovação Mundial onde a

família Felix se estabeleceu como uma banda Black. Fabrícia conta que a música que eles encontraram na RM era exatamente o perfil que eles apreciavam e procuravam.

A gente sempre gostou disso, mas a gente nunca conseguiu aplicar, porque é um som diferente, e as pessoas reagiam diferente, e lá foi a primeira igreja que realmente nos incentivava a cantar nesse estilo musical, então, brilhou nossos olhos.(Fabrícia)

Ele queria que a gente soubesse aquilo que a gente fazia, e então aí se reuniu todo mundo, e se formou o grupo, e como era tudo família, onde um ia em seguida ia todo mundo. Depois entrou a Valéria, o Paulo e a Elis, mas isso foi quando o Jessé foi num casamento, o Eliezer e o Jessé sempre tocaram nas igrejas, dando suporte para casamentos, festas, e num desses casamentos estava a Valéria, a Elis e o Paulinho. (Jedielson e Fabricia)

Na RM Deus aperfeiçoou tecnicamente, e ao mesmo tempo a gente começou a crescer, com relação ao que é do Espírito Santo, ao que o Espírito Santo pode fazer, a confiar mais no Espírito Santo, porque todos nós já conhecíamos o Espírito Santo, de alguma forma nós já tínhamos contato com o Espírito Santo, e até uma experiência, só que a gente não tinha provado experiência, como é unir a musicalidade com a manifestação do Espírito Santo, com a liberdade que o Espírito Santo pode ter através das nossas vidas. Então foi uma experiência muito gostosa, porque a gente pode perceber que a musicalidade é só um detalhe, mas ela faz diferença nas vidas das pessoas, quando bem aplicada, se o Espírito Santo estiver junto, essa junção da técnica com a musicalidade, com a liberdade do Espírito Santo nas nossas vidas é a sincronia perfeita, é quando tu te senti no céu. (Fabrícia)

Fabrícia entende que as experiências compartilhadas entre eles na banda é fruto das experiências que cada um trouxe de outras igrejas e foram aperfeiçoadas. Sua gratidão e reconhecimento pelo crescimento são direcionados ao pastor da igreja RM e sua esposa, que com paciência os apoiaram no período em que estiveram congregando com eles.

Eu não tocava nem baixo, eu tocava bateria. (Jedielson)

É verdade! Verdade. E lá o pastor meio que fez uma proposta pro Jedielson, pra que ele se dedicasse ao baixo, pra que ele assumisse esse posto, porque não tinha ninguém na época, aí ele começou a estudar, a comprar os primeiros baixos. O pastor incentivava horrores, pra ele tocar e aprender, ter agilidade e buscar os groovin das músicas americanas... groovin...ele sempre pedia os groovin. [sic] (Fabrícia)

Após congregarem cerca de três anos, o pastor da igreja RM decidiu vincular-se à COGIC (Church of God in Christ), igreja afro americana fundada em 1907 por Charles Harrison Mason, no estado de Tennessee, EUA. A COGIC é uma das maiores igrejas evangélicas dos Estados Unidos e está presente em cerca de sessenta países. No Brasil foi fundada pelo pastor Rubens dos Santos, em 1906, na cidade de São Paulo, expandindo-se para diferentes estados brasileiros. Apesar de uma representatividade negra significativa, a igreja agrega pessoas de diferentes grupos étnicos. No Rio Grande do Sul havia cerca de três igrejas filiadas à COGIC, mas atualmente todas se desligaram. A única igreja que se estabeleceu foi a COGIC da cidade de Alvorada, que desenvolve trabalho no sul do país, sob a direção da jurisdição COGIC Brasil.

No interior das igrejas Deus em Cristo foram organizados grupos musicais com características sonoro-performáticas inspiradas nos modelos musicais das igrejas afro-americanas. Com o objetivo principal de adorar a Deus, participam no momento do louvor congregacional do culto, organizam corais e eventos evangélicos realizados fora dos templos.

E através deste vínculo entre estas igrejas que os integrantes do grupo Family Soul conheceram a COGIC de São Paulo, que trabalhava intensamente com musicalidade negra, e iniciaram uma rede de sociabilidade com outras pessoas, que vieram a Porto Alegre compartilhar suas experiências.

Foi através da RM que a gente conheceu a COGIC, até então a gente não conhecia, nem sabia que existia esse tipo de igreja, e através desse vínculo foi que a gente começou a ter acesso ao pessoal de São Paul,

porque trouxeram o Ton Carfi,²⁴ o Vagner do Drean Voices e depois trouxeram o Scooby.²⁵ Então a gente começou a ter contato com pessoas que falavam a mesma linguagem que a nossa, porque no sul não tem. Quando a gente conheceu a COGIC os nossos olhos brilharam, porque a gente viu pessoas que pudesse trocar experiências, aprender e crescer. Quando a igreja RM decidiu cortar este vínculo, a gente ficou meio desgostoso, é que o nosso coração se tornou COGIC muito antes da gente perceber. Então Deus foi trazendo situações pra que a gente acabasse aqui, no lugar onde a gente pode tocar o som que a gente gosta. (Fabrícia)

Atualmente na composição do grupo estão as pessoas que começaram o projeto: Jessé Ramos, Jedielson Felix, Fabrícia Felix, Valéria Antunes, Valeriê Oribes, Paulo Black Power, Ramiro Fagundes e também Samuel Wegher, que é o mais novo integrante. Segundo Fabrícia, o grupo segue cumprindo sua missão, dispostos a novas conquistas, que pode ser a gravação de um álbum, viajar para outras cidades ou países, prosseguindo independente das dificuldades que se apresentam no cotidiano.

ELIÉZER FÉLIX



Figura 15 - Eliézer Felix 2015

²⁴ Cantor da música gospel com oito álbuns lançados. Iniciou sua carreira musical no grupo Raiz Coral, já trabalhou e cantou com diferentes cantores do cenário *gospel* brasileiro.

²⁵ Daniel dos Santos Carvalho conhecido no contexto evangélico como Scooby, cantor da música gospel brasileira, se destacando nos gêneros da black music cristã. Um dos fundadores do grupo Raiz Coral na idade de São Paulo.

Eliézer Felix, idealizador do Grupo RM Soul (atual *Family Soul*) foi tecladista, compositor e produtor musical, iniciou os estudos de teoria musical e teclado na igreja Assembleia de Deus de Viamão e com seu primo Jessé Ramos. Dedicou sua vida ao estudo, ensino e prática musical com ênfase nos gêneros musicais cristãos norte americanos, inspirado nas produções de Ron Kenoly, Kirk Franklin, Fred Hammond entre outros.

Tudo foi ele que começou, desde o início... a mãe deu um tecladinho pra ele, porque a mãe não tinha muitas condições, só que ele era muito bom em matemática. Então ele começou com aula de música em Viamão na matriz de Viamão, que tinha orquestra e os regentes davam aula, até eu também tive aula, só que ele se encarnou, ele foi muito além, começou a estudar teoria musical, quando ele pegou o teclado, ele já estava pronto.

Ele sempre andava com um livrinho de teoria musical. Ele começou a tocar teclado com um irmão lá de Viamão e depois ele foi com o Jessé, e depois ele foi sozinho. (Jedielson)

Começou a tirar todas as músicas de DVD, Ron Kenoly, depois ele descobriu Kirki Franklin, Fred Hammond, daí ele se enlouqueceu. Ele queria saber o que eles faziam. Ele baixava partitura, tentava entender, ele buscava a vida deles, pra saber algum documentário que eles tenham dado, pra saber as referências, ele ia atrás das referências, atrás de formação de acordes. Ele fazia isso todos os dias, não interessava a hora, ele trabalhava noite e dia, ele não sabia fazer outra coisa. (Jedielson e Fabricia)



Figura 16- Gravação RM SOUL, Canção Doce Som 2014

O falecimento do músico Eliezer ocorreu em janeiro de 2016, devido a um câncer ósseo. Aos vinte e seis anos de idade Eliézer deixou esposa, dois filhos e o legado para o grupo *Family Soul* dar continuidade e dedicação à música *black gospel*.

2.2 Lembranças

Ao visualizar fotos antigas na página do grupo, percebi que a composição do grupo tinha passado por diversas modificações. Segundo os interlocutores, nos os últimos anos de formação, pessoas de diferentes grupos étnicos integraram o grupo musical, por apreciarem a proposta de musicalidade étnico-identitária do grupo. Com o objetivo de relembrar alguns momentos que foram importantes para a trajetória do grupo, combinamos de nos encontrar no final da tarde de um sábado de setembro de 2017. Passei na casa de Valéria para irmos até a igreja COGIC de Alvorada para conversarmos e pra que me mostrasse algumas fotos antigas do grupo.

Durante nossa conversa e comentários sobre algumas fotos, Valéria comentou a importância de rever as fotos e cada uma delas retrata momentos especiais inseridas em um contexto que as fotos por si só não revelam, mas são ativadas na lembrança.

Um dos registros importantes para a carreira do grupo foi a participação em um programa organizado pelo programa TVE na cidade de Porto Alegre, idealizado em

comemoração alusiva à consciência negra, no ano de 2014. Valéria comentou que naquela ocasião eles estavam muito ansiosos, pois era o primeiro programa que participavam. Foram gravadas performances musicais do grupo para depois serem divulgadas pela rede televisiva local. As figuras 17 e 18 registram momentos da gravação com a equipe do programa e momentos de intervalo na parte exterior do local.



Figura 17- Programa de Hip hop da TVE 2014



Figura 18- Espaço externo- Programa TVE 2014

Outra participação significativa para o grupo foi em um evento comemorativo, a semana da consciência negra do estado do Rio Grande do Sul, em um concerto realizado no teatro Dante Barone na Assembleia Legislativa. O grupo representou nestes momentos o negro cristão e as diferentes possibilidades de espaços em que negros estão inseridos no estado e uma cena musical pouco visível no sul do país (fig. 19).



Figura 19- Concerto Ébano e Marfim 2012. Em homenagem à Semana Estadual da Consciência Negra. Realizado no Teatro Dante Barone - Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

Revendo algumas fotos Valéria relembrou os momentos de dificuldade que enfrentaram com a descoberta da doença do líder, e como igrejas de diferentes denominações colaboraram com o tratamento, organizando eventos para arrecadar fundos a serem enviados para Eliezer (em 2015). O momento da doença foi o período em que decidiram (após a permissão do pastor da igreja), aceitar convites para cantar em outras igrejas, pois Eliezer, entendendo a gravidade de sua enfermidade, previa que não iria conseguir ver seu projeto ser divulgado e conhecido por outras pessoas do contexto evangélico do estado. Iniciaram então a assumir uma vez por mês agenda para cantar em outras denominações e realizaram rapidamente a gravação de sua composição *Contigo Tenho Paz* (vídeo4) para que ele pudesse ver, pelo menos, uma de suas produções registrada e divulgada.

Com a gravidade e avanço da doença, o grupo permaneceu cumprindo com os compromissos assumidos na sua congregação, mesmo sem tecladista e dividindo o tempo com a prática musical e o cuidado do líder no hospital. Segundo Valéria o grupo é uma

composição familiar; a ligação com o processo da dor e do sofrimento foi forte e muito difícil de administrar.

Valéria também compartilha projetos futuros, de ampliar os espaços de atuação do grupo, ocupando praças e metrô com o objetivo de, através da música e performance, transmitir a mensagem de Jesus em outros locais. A cantora entende que, com o projeto Family Urban, que pretendem concretizar futuramente, poderão divulgar sua música livremente, sem estar presos a paradigmas ou cuidados com a performance, e também atrair novos olhares para seu trabalho e para a mensagem de Jesus.

A experiência dos interlocutores em diferentes denominações evangélicas e as mudanças em suas práticas musicais exemplificam os processos de transformação do cenário evangélico do Brasil. Estudos sinalizam novos modos de se relacionar com a crença, e com culturas musicais populares e também as diferentes identidades que compõem o cenário evangélico do Brasil. A experiência da etnomusicóloga Kidula (2013), no contexto evangélico do Quênia, nos permite entender os processos de inserção do cristianismo no país e os diferentes modelos músico-culturais que cruzaram as Áfricas, refletindo sobre os impactos e as transformações culturais e também a forma como africanos se adaptaram, negociaram e transformaram suas práticas musicais. Essas reflexões foram pertinentes para a compreensão sobre as dinâmicas de diferentes identidades evangélicas presentes no sul do Brasil e os processos de adaptação e transformação cultural neste contexto.

3. FAMILY SOUL E INTERAÇÕES MUSICAIS

O Family Soul assume agenda nos finais de semana à noite sem cobrar cachês, solicitam somente o transporte. Geralmente as igrejas contribuem financeiramente com valores não estipulados, que variam dependendo das condições de cada comunidade evangélica. A agenda é divulgada mensalmente na página do grupo, com endereço dos locais para que quem desejar acompanha-los possa participar. Após cada evento são compartilhados vídeos ou fotos das performances e agradecimentos pela receptividade das igrejas. A página²⁶ também tem sido um canal de divulgação de sua história, confissão de fé e gravações realizadas.

O grupo participa de diferentes denominações evangélicas com o objetivo de ministrar o louvor congregacional, interagindo com as pessoas presentes nas reuniões. Nos cultos os participantes entendem a presença invisível, mas real de Deus e cada um tem a liberdade de se expressar com palavras e com a música. Neste momento o grupo de louvor deve desenvolver um desempenho participativo mediando esta interação, escolhendo e preparando um repertório musical. Turino (2008) define este desempenho como um tipo especial de prática artística em que não há distinções artista-público, apenas participantes, e potenciais participantes desempenhando diferentes papéis. O objetivo primário é envolver o número máximo de pessoas em algum papel de desempenho (p. 26).

Esta liberdade de se apresentar diante de Deus em alguns momentos transporta concepções pessoais e imaginários construídos de como se expressar através da performance musical. Esta variação se reflete nos modos de participação, e nas diferentes denominações pode haver grupos com um modo definido de participação, ou uma mistura de concepções e desempenhos participativos.

Neste capítulo apresentarei as participações e interações musicais do grupo Family Soul em diferentes igrejas evangélicas. Em cada uma será direcionado o olhar para fatores de importante reflexão, ligados á prática musical e performance negra.

²⁶ https://www.facebook.com/familysouloficial/?ref=br_rs

3.1 Eu danço como Davi: Performance Musical e Desempenho Participativo

Assembleia de Deus do Avivamento



Figura 20 - Igreja Assembleia de Deus do Avivamento

A igreja Assembleia de Deus do Avivamento é uma instituição religiosa pentecostal independente, localizada na cidade de Cachoeirinha. O grupo Family Soul foi convidado para participar de um culto organizado pela juventude da igreja no mês de janeiro de 2017. Este evento, entre outros, foi antecipadamente divulgado na página do grupo.

Procurei o trajeto até o local na plataforma do Google Maps e de carro dirigi-me até o templo. A igreja era localizada em uma avenida de duas vias, divididas por um estreito canteiro onde havia também a presença de pequenos comércios como bares um supermercado e lojas. Ao chegar à igreja primeiramente passava-se por um hall de entrada, um espaço em que os membros da igreja recepcionavam os que chegavam; nas laterais havia os banheiros e no centro uma porta grande que dava acesso ao templo.

Do hall de entrada já era possível avistar o grupo Family Soul que já estava posicionado no altar, pois foram eles que iniciaram o momento musical da reunião. Ao lado esquerdo, estavam os instrumentistas e no centro do altar, o grupo vocal se

posicionou um ao lado do outro, todos com vestimentas e performance corporal consonante com a prática daquela igreja. Acredito que estavam presentes na reunião cerca de trezentas pessoas, de diferentes grupos étnicos, membros daquela igreja e visitantes de outras denominações.

O pastor da igreja iniciou o culto com uma fala sobre a importância do momento e a alegria que sentia de presenciar a participação do grupo *Family Soul*. Depois de uma oração, passou a palavra para o grupo que por aproximadamente uma hora, mediou o momento de louvor através da música com canções do gênero Soul e gospel, que estimulavam a participação. Porém o repertório não era conhecido da maioria dos presentes, e não foi projetada a letra, então a igreja interagiu com palmas, com escuta participativa, olhos fechados, mãos levantadas, como que meditando na letra da canção.

Diferentes modos de se relacionar com a música e de envolver o corpo e a voz estavam presentes naquele contexto. A dinâmica das canções, os gêneros musicais e conjunto performático do grupo Family Soul expressaram um modo específico de representação. O autor Gilroy percebe a importância de se analisar o conjunto performático nas formas culturais negras, segundo ele;

Essa orientação para a dinâmica específica da performance possui um significado mais amplo na análise das formas culturais negras do que até agora se supôs. Sua força é evidente quando comparada com abordagens da cultura negra que tem sido baseada exclusivamente na textualidade e na narrativa e não na dramaturgia, na enunciação e no gestual (GILROY, 2001, p. 162)

Inicialmente, escolheram canções ritmadas para cantar, um repertório, que em alguns trechos, exigia uma projeção vocal forte, um *belting*. Todas as canções contemplaram as vozes: soprano, mezzo-soprano, contralto e tenores, uma harmonia vocal preparada anteriormente para aquele momento. Cada interpretação tinha espaço para um improviso solo e comunicação com a igreja que, em momentos, era a busca por uma interação catando um trecho e solicitando que a igreja repetisse juntamente, ou uma reflexão sobre a letra da canção enquanto os instrumentistas mantinham a base em um volume baixo.

A identidade étnico-racial do grupo estava presente na combinação entre a música e a performance corporal. Não que houvesse danças coreografadas ou intensificadas, mas movimentos corporais que marcavam o pulso da canção, mãos que se levantavam e também marcavam este pulso. Tanto no repertório movimentado como nos andamentos mais lentos o uso do corpo estava intrínseco ao ato de adorar a Deus

com música. Nas canções lentas, muitos se colocavam de olhos fechados, como sintonizando suas mentes a Deus, para perceber o invisível, ou distanciar o olhar do que é terreno que pudesse interferir naquele momento.

Há um investimento na estética dos cabelos, que atualmente, alguns os mantêm com textura natural/ crespos elevados, Black Power, comunicando uma representação de liberdade, autenticidade negra e agenciamento negro para aquele momento. O gênero e a performance corporal comunicam, também, um momento histórico em que brotaram as primeiras expressões musicais nos Estados Unidos, ligados aos movimentos sociais da década de 60, na luta por direito e igualdade, e na organização política negra que desencadeou empoderamento, sinalizados através da música e performance. No contexto evangélico estas questões podem ser sentidas como uma adaptação cultural que propõe mudanças. Estas adaptações e traduções da comunicação negra em diferentes contextos foi alvo de reflexões de Gilroy, segundo o autor;

Que problemas analíticos especiais surgem se um estilo, gênero ou desempenho particular de música são identificados como expressivos da essência absoluta do grupo que os produziu? Que contradições surgem na transmissão e na adaptação dessa expressão cultural por outras populações da diáspora, e como serão resolvidas? Como o deslocamento hemisférico e a disseminação mundial da música negra se refletiram em tradições localizadas de literatura crítica e, considerando que a música é percebida como fenômeno mundial, que valor é atribuído a suas origens, particularmente se elas entram em oposição a mutações adicionais, produzidas durante seus ciclos contingentes e suas trajetórias fractais? Onde a música é pensada como emblemática e constitutiva da diferença racial em lugar de apenas associada a esta, como a música é utilizada para especificar questões gerais pertinentes ao problema da autenticidade racial e à consequente auto-identidade do grupo étnico? Pensar sobre música - uma forma não figurativa, não conceitual - evoca aspectos de subjetividade corporificada que não são redutíveis ao cognitivo e ao ético. Essas questões também são úteis na tentativa de situar com precisão os componentes estéticos distintos na comunicação negra (GILROY, 2001, p. 163).

Em uma canção os cantores fizeram uma pausa no vocal, somente os instrumentistas continuaram com a base, e foi falado sobre a oportunidade que a igreja estava recebendo para adorar a Deus, que tudo o que estava acontecendo ali era pra Deus, sinalizando a importância de se dedicarem no louvor através da música. Convidaram as pessoas para que se colocassem na frente do púlpito para cantar e dançar. Muitos jovens foram até a frente e interagiram com danças e palmas; o restante da igreja também interagiu mais, depois desta fala.

A canção que envolveu este momento falava que Deus habita no meio dos louvores e que Ele estava ali naquele momento, então eles iriam cantar, pular, celebrar.

A canção também fazia referência a Davi, um músico e compositor bíblico que além de compor canções que incentivava a dança, também, em sua época, dançava como forma de louvor a Deus. Este personagem foi usado também para fortalecer e fundamentar, biblicamente, o entendimento da liberdade expressiva através da dança e músicas ritmadas, práticas que não eram aceitas em igrejas históricas e que estão sendo transformadas em alguns espaços.

Eu Vou Cantar

Raiz Coral

Introdução Instrumental

| | | | |
|--------------------|--|-------|--------------------|
| A Tenor solo | <p><i>No meio dos louvores Deus habita é seu prazer cumprir o que nos diz</i></p> <p><i>Disse que onde houvesse em seu nome dois ou três também estaria ali</i></p> <p><i>Somos quase mil e com certeza o nosso Deus está aqui</i></p> <p><i>Estou eu na presença do Deus vivo o que será de mim</i></p> | - Ié | } Backing vocal |
| | | - Eié | |
| | | - Ié | |
| | | - Eié | |

***Eu vou cantar, vou exaltar, eu vou pular,
Vou celebrar, vou adorar, glorificar
O Espírito de Deus está nesse lugar***

Refrão

B

Instrumental (Pausa vocal)

| | | | |
|--------------------|---|--------|--------------------|
| A Tenor solo | <p><i>Na frente do cortejo ele dançava, pois trazia a Jerusalém</i></p> <p><i>A Arca da Aliança o símbolo da presença de Deus</i></p> <p><i>Arca que estava na casa de Obede-Edom</i></p> <p><i>E tudo que ele tinha o Senhor prosperou</i></p> | - Ié | } Backing vocal |
| | | - Ieié | |
| | | | |
| | | | |

***Eu vou cantar, vou exaltar, eu vou pular,
Vou celebrar, vou adorar, glorificar
O Espírito de Deus está nesse lugar***

Refrão

B

Se o Espírito de Deus habita em mim
Eu danço como o rei Davi
Se o Espírito de Deus se move em mim
Eu salto como o rei Davi

C

Rap

*Quando Davi trouxe a arca de volta o povo então dançou
Quando Deus devolveu a glória o povo se alegrou
O muro de Jericó caiu, quando o povo gritou!*

} D

A canção (vídeo5) iniciou com uma introdução instrumental do teclado, bateria e contrabaixo; a composição musical seguia o esquema A-B-A-B-C-D. O vocal entrou após a introdução instrumental com solo de um dos tenores (A) e backing vocal com as sopranos, contraltos e tenores (A). No refrão (B) todos os vocais cantavam juntos, com improvisação do tenor solo, sendo este o trecho mais fácil da canção em que a congregação podia interagir. No trecho C, sob a base harmônica, as vozes executavam um rap; o tenor solou a primeira vez (C) e depois o grupo repetiu este trecho. No (D) voltaram do rap a um outro caminho melódico que foi iniciado pelo tenor e depois repetido pelo restante do grupo.



Figura 21 - Igreja Assembleia de Deus do Avivamento/momento do louvor

A essência do louvor congregacional compreende a participação de todos os envolvidos no culto, e o grupo *Family Soul* tinha a missão de conduzir as pessoas a louvar a Deus através da música, mantendo uma performance com identidade étnico-racial em um contexto com diferentes perspectivas de participação. Para o êxito de uma prática como esta, Turino considera que:

O desempenho de sucesso é importante porque inspira a participação entre os presentes, e a qualidade do desempenho é julgada em última análise pelo nível de participação alcançado. A qualidade também é avaliada pelo modo como os participantes se sentem durante a atividade, com pouca atenção para como a música e a dança podem soar ou parecer, separadas do ato de fazer e dos envolvidos. Isto é, o foco é primariamente entre os participantes no momento, em contraste com os campos atuais e registrados, onde a atenção dos artistas envolve diferentes graus de preocupação com os ouvintes não envolvidos no fazer. O resultado é que a produção musical participativa leva a um tipo especial de concentração nas outras pessoas com as quais se está interagindo através do som e movimento e da atividade em si e por si. Essa concentração aumentada nos outros participantes é uma das razões pelas quais a música-dança participativa é uma força tão forte para o vínculo social (TURINO, 2008, p. 29)

Percebi que esta preocupação com os resultados da performance e interação dos presentes era importante para o grupo e que, posteriormente às apresentações, refletiam sobre a aceitação das igrejas em que participavam. O objetivo principal do grupo é adorar a Deus através da música e de uma performance étnico-racial próximo aos modelos das igrejas cristãs afro-americanas. Os colaboradores me sinalizaram que não têm a intenção de ser militantes da causa negra no contexto evangélico, mas sim, ter a liberdade para utilizar a cultura musical e performance negra em devoção a Deus.

Eles percebem que esta liberdade expressiva, tem ganhado maior espaço em outros estados brasileiros e que aqui, no sul, ainda há certa resistência no contexto evangélico, não ao negro, mas na aceitação da música e performance negra como uma expressividade aceitável para adoração.

Na verdade a gente vai em todas as igrejas que nos convidam, mas acontece muito da pessoa que nos contata curtir o estilo e a igreja não (risadas), mas acontece também da gente chegar e a igreja curtir muito. Aqui no Rio Grande do Sul ainda existe certa resistência ao estilo, e a determinadas coisas ligadas ao estilo, mas a gente assumiu um compromisso de não ser a banda que toca Black, mas antes de qualquer coisa que o Espírito Santo nos use através da mensagem que nós cantamos. Então, aconteceu de chegarmos em igrejas, que estavam totalmente

resistentes ao nosso louvor, a nossa música, mas o Espírito Santo foi se movendo de uma forma que as pessoas começaram a se envolver, e o Senhor se manifestou e tudo deu certo, mas a aceitação não é cem por cento ainda no Rio Grande do Sul, nos outros estados, eu sei, já está bem divulgado, até se usa bastante o Black, mas aqui no sul ainda há um certo paradigma em relação ao estilo. (Valéria Antunes)

Em um segundo momento o grupo jovem da igreja, organizadores do evento, apresentou uma coreografia da canção *Som da Liberdade* uma composição pop eletrônica, com trechos de rap, que fala da liberdade que há em pular e dançar como forma expressiva de adoração a Deus. As luzes da igreja foram apagadas e luzes coloridas foram projetadas no teto do templo, que se movimentavam em diferentes direções. Vestidos todos de calça preta, de camiseta preta, ou de branca e as meninas com um moletom preso à cintura, eles representaram a canção com danças, pulos e canto, explorando a parte da frente do altar e os corredores do templo. A maioria dos fiéis assistentes interagiu com palmas, outros com danças e assovios. Por ser uma canção conhecida do público jovem cristão, e estar sendo divulgada nas rádios evangélicas, muitos acompanharam a canção cantando juntamente.

Som da Liberdade

DJ PV

| | | |
|---|---|------------------|
| <p><i>Na minha liberdade</i> <i>Hey Ho chega mais irmão!</i> <i>Dj PV, invadir, Tevão</i> <i>Seguindo o mestre Jesus,</i> <i>Eu creio sempre na palavra Dele, pode crer</i> <i>Tô com Ele e não importa o que acontecer</i> <i>Só ele me enche de amor e Paz</i> <i>Só Ele me satisfaz</i></p> | } | <p>A Rap</p> |
|---|---|------------------|

| | | |
|---|---|----------|
| <p><i>Posso ouvir o som da liberdade sobre nós</i> <i>O som da vida do Espírito em mim</i></p> | } | <p>B</p> |
|---|---|----------|

*Posso ouvir o som de muitas correntes caindo pelo chão
Pois antes morto agora eu vivo só por Ti*

*Na minha liberdade eu pulo e danço ao Senhor Deus
Na minha liberdade eu pulo e danço ao Senhor*

} C
} Refrão
}

*Agora livre sou Cristo me libertou
Agora eu posso cantar, aquela dor que eu tinha já passou,
É uma nova história, Ele me deu vitória,
Eu vou seguindo com fé, eu sei no fim vamos se ver na glória*

}
} D
}

*Não vou parar (não!)
Eu vou grita (vou!)
Até o mundo (yeah, yeah)
Me escutar (uouu!)
Até o mundo me escutar!*

}
} E
}

A canção inicia com uma introdução musical eletrônica e segue com uma organização A-B-C-B-C-D-F. As estrofes A, D, e F seguem em Rap; nas estrofes D e F há a presença de efeitos eletrônicos, modificando a textura da voz. O efeito sonoro da música eletrônica em combinação com as luzes coloridas e a coreografia que acompanhava a letra da canção com pulos e danças tornou o ambiente festivo. Na última estrofe o grupo de coreografia percorreu os corredores da igreja pulando e cantando, e voltaram para frente do altar e finalizaram a coreografia.



Figura 22 - Participação do grupo Family Soul no louvor congregacional da igreja Assembleia de Deus do Avivamento

A letra desta canção vai ao encontro das reflexões de Hirschkind (2006) que discute sobre as formas em que diferentes religiões utilizam o sentido auditivo e as representações sonoras para sintonizar ou aproximar-se do divino. Podemos refletir sobre o uso representativo do som, onde a intervenção do divino para a liberdade é percebida e relacionada ao som suave das águas e as correntes que aprisionavam ao som das correntes quando caem no chão, e no trecho que refere-se ao som da vida e da liberdade expressos através do canto e do movimento corporal, que pulam e dançam, em devoção a Deus.

Neste evento percebi as diferentes interações presentes nas performances participativas, que segundo Seeger (2008) e Turino (2007), contribuem ativamente para o som e o movimento de um evento musical, através da dança, do canto, do aplauso e da interpretação de instrumentos musicais, quando cada uma dessas atividades é considerada parte integrante da performance (TURINO p. 29). As interações musicais neste evento aconteceram de formas diferentes, até porque as pessoas que ali estavam, pertenciam a diferentes denominações e faixas etárias, interagindo com a música de formas distintas. A juventude tinha liberdade e disposição para dançar, pular, correr,

enquanto um grupo mais conservador e com mais idade, permanecia em seus lugares participando com palmas e escuta.

3.2 Cantando para o céu: Modo negro de adorar

Encontro de Bandas



Figura 23- Divulgação do evento, retirado da página do grupo Family Soul

O encontro de bandas foi idealizado pela igreja Essência do Amor da cidade de Cachoeirinha, neste evento compareceram o grupo Family Soul, a banda You Church, e o cantor de Rap JR7. A igreja Comunidade Essência do Amor está localizada próxima à igreja onde congrego, e para este evento convidei o grupo de jovens (de maioria negra) e a liderança da minha igreja para participar.

Era uma noite chuvosa de sábado, no mês de maio de 2017, e nós, cerca de dez pessoas, combinamos de nos encontrar na nossa igreja e organizar as caronas para chegar até o local. Próximo das 20h nos deslocamos e rapidamente chegamos. Em grupo fomos entrando na igreja Essência do Amor, cumprimentando o grupo *Family Soul*, que já estava no local, e apresentando os que me acompanhavam. Já tinha cerca de cinquenta pessoas, conversando ou sentadas esperando o início do evento. Escolhemos os lugares da frente para ficarmos bem próximo do altar.

O primeiro grupo a se apresentar foi o *Family Soul*. Eles se colocaram no altar e primeiramente realizaram a regulagem dos microfones para cada voz. Este momento foi muito descontraído, com risadas e conversas entre o grupo e alguns presentes no local. Esta igreja, que atua de forma independente, em anos anteriores era filiada à COGIC

Brasil, então a liderança da igreja já era conhecida do grupo. Depois da passagem de som individual, o grupo cantou uma tradução da canção *I Smile*, de Kirk Franklin, em português, para teste. As pessoas estavam conversando, percorrendo o espaço da igreja e quando o grupo começou a cantar para testar os microfones, muitos pensaram que já estava começando o evento.

Deus Faz

Coral Happy Soul

Tradução da canção Smile do cantor Kirk Franklin

Ao amanhecer eu olho pro céu Pai
E Clamo a Ti, pois Tu és minha força contigo tenho paz A

Ao amanhecer sem Ti meu mundo cai
És meu amigo, a minha alegria! Contigo sou capaz! A

E quando estou sozinho sem ter quem me ajudar
Lembro Tua palavra não falhará, não falhará B

Deus faz mais do que imagino Deus faz
Não mereço e Ele ainda faz C
Quando eu já não aguento mais
Deus traz paz
Me coloca acima desse mal
Ele vê em mim potencial
Se levante! Deus Sempre tem mais

Faz por mim
Deus faz por mim D
Faz, faz, faz por mim
Deus faz por mim

Oh oh oh Sempre está comigo!
Oh oh oh Sempre está comigo sim! E
Oh oh oh Sempre está comigo!
Oh oh oh Sempre está comigo Meu Senhor!

E quando estou sozinho sem ter quem me ajudar B
Lembro Tua palavra não falhará! Não falhará!

Deus faz mais do que imagino Deus faz
Não mereço e Ele ainda faz C
Quando eu já não aguento mais
Deus trás paz
Me coloca acima desse mal
Ele vê em mim potencial
Se levante! Deus Sempre tem mais

O grupo iniciou a canção em uníssono (A e B) com divisão das vozes no refrão (C). Na parte E teve um jogo entre as vozes graves e as agudas onde a letra *Oh oh oh* foi entoado pelo naipe mais grave e *Sempre está comigo! Sempre está comigo sim! Sempre está comigo Meu Senhor!* foi interpretado pelas sopranos, vozes agudas. Como este era um momento teste, não teve a intenção de interagir com os presentes, que assistiam sentados.

Em seguida o pastor da igreja com o *Family Soul* se reuniram em círculo ao redor do teclado e realizaram uma oração. A congregação estava alheia a este acontecimento, e as vozes de oração se misturaram com a da igreja que conversava e aguardava o início do evento. Valéria, vocal do *Family Soul*, iniciou então, cumprimentando a igreja e falando da alegria que sentiam em estar ali e da importância de se despojar de todas as preocupações e anseios, para adorar a Jesus. Ela pediu que todos deixassem a timidez de lado e louvassem a Deus com palmas, com danças, com aleluias. Durante sua fala o baterista (que estava localizado dentro do aquário acústico), tecladista e contrabaixista tocavam, acompanhando a dinâmica da fala da Valéria.

Foi desligada a maioria das luzes da igreja, permanecendo acesas as lâmpadas que estavam no altar, iluminando somente a banda. A congregação colocou-se em pé para interagir com o grupo. A primeira canção dizia que eles entregariam suas vidas a Deus, e que seus destinos era seguir a Jesus independente das circunstâncias; dizia que eles queriam, recebiam e precisavam da vontade de Deus para guiá-los. Percebi que a maioria das pessoas não sabia a letra da canção, mas interagira com palmas e com danças, e após o grupo repetir algumas vezes, os presentes começaram a cantar partes da canção junto com eles.

A cada canção que o grupo ministrava, eles faziam uma pausa no vocal e um dos vocalistas se comunicava com os presentes incentivando a adoração ou fortalecendo o entendimento da presença real de Deus naquele lugar. Apesar de ser um evento que fugia da liturgia tradicional dos cultos, o propósito era unir bandas de gêneros diferentes para a adoração a Deus. As pessoas presentes no evento tinham este entendimento e de alguma forma interagiam naquela atmosfera que se formou. A atmosfera acústica envolvia vozes que ora cantavam, ora emitiam palavras de exaltação como: aleluia! Gloria a Deus! Estas vozes se misturavam com as batidas da bateria, o som do teclado e contra baixo, e ainda com o som de glossolalia vinda de uma vocalista do *Family Soul*, marcando a identidade pentecostal cristã.



Figura 24 - Encontro de bandas na igreja Essência do Amor 13/05/2017 (vídeo 6)

Em uma das canções as crianças (filhos dos integrantes do grupo e familiares) e alguns adolescentes se colocaram na frente do altar e acompanharam com danças e palmas e uma performance corporal que chamava a atenção de quem assistia. O grupo de jovens que estava comigo interagiu nos seus lugares com palmas.

O segundo momento foi para o cantor JR7 (Junior), um jovem negro que vi crescer quando ele pertencia à igreja Assembleia de Deus, juntamente com seus pais. Junior atualmente se dedica ao gênero musical rap e neste evento ele participou interagindo inicialmente com uma canção *gospel* do gênero Rap. Muitos jovens, inclusive os da minha igreja, se juntaram com as crianças que já estavam na frente e interagiram com o cantor, envolvidos naquela atmosfera cantavam, erguiam uma das mãos em referência a letra da canção, e movimentava-se corporalmente no pulso da canção. Os instrumentistas do grupo Family Soul acompanharam o cantor JR7, navegando com propriedade para outro gênero musical.



Figura 25 - Encontro de bandas cantor JR7 e instrumentistas do Family Soul

Antes que a última banda se apresentasse, fizeram um intervalo, de poucos minutos, para que as pessoas pudessem fazer um lanchinho, que estava sendo produzido e vendido pela igreja, conversar e se conhecer. Neste momento o pastor da igreja se apresentou para nosso grupo e contou um pouquinho da trajetória da igreja, que estava estabelecida ali a pouco mais de um ano. Os líderes da igreja foram muito receptivos e desejaram organizar outros momentos para que pudessemos estar juntos.

Terminando o intervalo, todos voltaram para seus lugares, e a banda mais esperada pelos adolescentes da minha igreja subiu para cantar. A banda You Church era conhecida da maioria, porém, eu não fazia a mínima idéia de que eram. Um grupo formado por jovens que cantavam canções *gospel* do gênero rock, no momento em que subiram pra cantar, toda a juventude da igreja foi pra frente, e interagiram cantando, dançando, pulando gritando e assoviando. O gênero atraiu a atenção do público mais jovem, e a banda também era formada por pessoas jovens, que cantaram composições de autoria própria, modelos consonantes com os repertórios utilizados no louvor congregacional da maioria das igrejas evangélicas pentecostais independentes, e divulgadas com frequência nas mídias *gospel*. A banda já tinha um CD lançado e, em certo momento, ofereceram o produto para quem quisesse adquirir.

Os gêneros musicais, que para muitos não se encaixam no momento de adoração em ambiente cristão, estavam ali sendo executados para este propósito. Os participantes que me acompanhavam, membros de uma congregação em que o envolvimento com a música não acontece desta forma, mantinham-se estáticos, ou em alguns momentos acompanhavam com palmas. Posteriormente a discussão sobre as performances do

evento continuou no trajeto de volta para casa, com um questionamento sobre os modos de interação musical aceitável para a liturgia da igreja. Ao mesmo tempo que compreendia os modos diversos que podem ser utilizados na adoração e argumentava as diversas possibilidades e o resgate de uma autonomia expressiva, percebi que minha performance corporal permanecia praticamente no mesmo formato estático de participação e interação musical. Naquele momento refleti sobre as diversas formas de ser e de manifestar negritude, que se transforma e se reformula em cada espaço. Segundo Pinheiro, em seu estudo com jovens negros e a circulação da música gospel no Rio de Janeiro:

Entende-se negritude como algo não essencial e fechado, sendo uma construção reveladora da consciência da diferença e do pertencimento a um grupo incluso na diáspora africana. A noção de negritude pode ser formulada e reformulada conforme o local, os interesses e os objetivos em jogo e, portanto, resulta de especificidades temporais e espaciais (PINHEIRO, 2007, p. 165).

Os processos de transformações do comportamento musical na liturgia dos cultos evangélicos em diferentes momentos e contextos passaram por tensões, discordâncias e adaptações, desde a inserção de instrumentos musicais, ao uso do corpo e apropriação de gêneros musicais populares. Pinheiro (2007) traz reflexões sobre os conflitos existentes em torno dos novos modos expressivos introduzidos no contexto evangélico. Segundo a autora:

Em geral, o exercício musical no meio evangélico instala tensões e coexiste com incentivos e críticas. Isto é registrado, no tocante às alterações comportamentais, com a introdução de danças, da valorização do corpo, e com a apropriação de expressões musicais distintas dos hinos. As restrições pertinentes às alterações sonoras e comportamentais também atingem as iniciativas pautadas nas musicalidades de matriz africana/negra (PINHEIRO, 2007, p. 166).

O evento *Cantando para o Céu* apresentou uma mistura de gêneros musicais, grupos etários e denominações evangélicas em um único espaço, propondo a unidade de diferentes modos expressivos para um mesmo propósito que era o tema do evento *Cantando para o céu*. Os que participaram do evento compactuavam com as práticas musicais que ali se apresentavam, porém, alguns do grupo que me acompanhava sentiram algum incômodo com a possível repercussão dos jovens estarem envolvidos em um evento com aquela atmosfera de danças, pulos e assovios.

Apesar do evento não ser exclusivamente dedicado a cultura musical negra, os gêneros representativos estavam presentes, e sendo executados na maioria por negros. Cantando para o céu com performance que traz lembranças, lembranças históricas de grupo sociais, de protesto por igualdade social, mesmo que a bandeira negra não estivesse erguida ali, entende-se que a prática musical desencadeia alguns tipos de emoções, ideias e subjetividades entre seus participantes.

O estudo de Burdick na cidade de São Paulo (2013) revelou que os grupos de rappers e cantores do evangelho negro mantinham uma consciência negra, construída e internalizada que não estava na letra das canções, mas que em outros momentos estava presente no discurso de seus colaboradores que sinalizavam a importância de conhecer a história negra para desempenhar melhor a performance e técnica musical.

Esse posicionamento de pertencimento étnico-racial propõe, para este espaço, ampliar as possibilidades de interações e performances musicais entre os evangélicos do sul do país e reformular aquela noção que coloca o negro e todas suas práticas sob o jugo da maldição, e trazer a noção de um negro com liberdade física, emocional e espiritual. Na experiência de Pinheiro, os produtores de black music gospel / “música negra” agiam com a finalidade de promover a “cultura negra” e de alterar o modo como ela e os fiéis “negros” são definidos no meio evangélico (Pinheiro 2007, p.166).

Com base na experiência deste encontro de bandas, percebo que o universo negro evangélico tem rompido os limites impostos de como ser aceito, e de como se relacionar com Deus, expressando através da música e performance um modo particular de adoração, recriando seu universo religioso (PINHEIRO, 2007), sem se distanciar da cosmovisão cristã.

3.3 O som pentecostal

Primeiro aniversário da COGIC Luz do Mundo



Figura 26- Primeiro aniversário da COGIC Luz do Mundo da cidade de Alvorada

Em maio de 2017 a igreja COGIC Luz do Mundo, localizada na cidade de Alvorada, completou seu primeiro ano de ministério. O líder da igreja, pastor Sandro, juntamente com a congregação, organizaram um culto de ação de graças com a presença do bispo Ivo Mariano responsável assistente pelas igrejas COGIC Brasil. Este evento não foi divulgado com antecedência na página do grupo, mas por contato telefônico, fui convidada à participar deste momento que era importante para a igreja.

A igreja COGIC de Alvorada ficava na parte superior de um prédio comercial, para ter acesso ao templo era preciso subir dois lances de escadas. Cheguei ao culto uns minutos antes de começar e percebi que os membros da igreja estavam com uma expectativa para que tudo ocorresse certo. Depois de um tempo, o pastor Sandro, o bispo Ivo e o secretário da COGIC Brasil entraram na igreja; todos de terno preto, e se sentaram a frente, em um local reservado.

Estavam presentes na igreja cerca de cinquenta pessoas, membros e convidados, para participar do culto festivo. A liturgia do culto contemplou momentos de louvor através da música com o grupo Family Soul interagindo com a igreja, apresentação da trajetória do bispo Ivo, solo sermônico para preparar a atmosfera para o sermão (uma canção solo por Valeriê), fala e ministração do sermão pelo bispo Ivo.

Entre as canções que o grupo Family Soul interpretou estava a canção *A maior Obra* de autoria do compositor Eliezer (in memoriam). Os vocalistas posicionaram-se no altar um ao lado do outro, o baterista e baixista à esquerda e o tecladista do outro lado à direita. É nesta mesma igreja que aconteciam os ensaios do grupo, e um domingo por mês, eles cooperavam no culto dedicado à família, por isso o repertório musical era conhecido de muitos e a igreja acompanhou o grupo com palmas e cantava as canções.

Na penúltima canção fizeram uma pausa no vocal e direcionaram uma fala aos participantes, relacionado à presença de Deus naquele lugar e a capacidade que tinha de mudar qualquer circunstância difícil e, por isso, Deus merecia ser adorado através da prática musical que estava acontecendo ali. A maioria dos presentes concordava com palavras de afirmação, e durante esta fala os músicos iniciavam a introdução instrumental da canção seguinte.

Meu Senhor Jesus Cristo

*Cantor: Paulo Cezar Baruk
Compositor: Elizeu Costa*

Meu Senhor Jesus Cristo
Nesta hora, aqui estou
Para celebrar teu nome
Entregar o meu louvor

Óh recebe, meu Senhor,
O que ofereço a Ti
Abro o meu coração
Dando a Ti, adoração

Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia
Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia

O grupo interpretou esta canção (vídeo 7) soul iniciando com intensidade suave, com arranjo vocal e instrumental que progredia para uma dinâmica mais forte. Na primeira repetição da canção a contralto Valeriê solou com expressividade e melismas, marcando a identidade pretendida do grupo.



Figura 27 – Participação do grupo Family Soul no primeiro aniversário da COGIC Luz do Mundo

Antes da ministração do sermão, foi apresentada a trajetória do Bispo Ivo, uma leitura realizada pelo secretário da COGIC referente ao seu currículo, com detalhes sobre sua trajetória como cristão, sua família e formações acadêmicas. Conforme a

apresentação o bispo Ivo, aos vinte e sete anos de idade foi nomeado pastor pela igreja Assembleia de Deus. Em 1993 estabeleceu um novo ministério denominado organização missionária da Graça de Deus, e em 2004, assumiu o nome COGIC, negro, teólogo, atuando como professor e diretor do instituto teológico da COGIC Brasil.

Durante a ministração do sermão a paisagem sonora da igreja envolvia um conjunto de sonoridades composto pela voz do bispo, as vozes da igreja que interagiam com palavras de afirmação (como: amém, glória a Deus, aleluia), com o som do teclado, que acompanhava a dinâmica da fala do bispo e aplausos que frequentemente eram solicitados.

A paisagem sonora que envolve o ambiente religioso está relacionada ao entendimento que cristãos tem da presença real de Deus nas reuniões para ser cultuado, e do livre acesso comunicativo dessas pessoas com ele. Além de se expressar com a voz, canto ou instrumentos musicais, acredita-se que as escrituras bíblicas é a comunicação de Deus com as pessoas. Hirschkind (2006) discute que às vezes a voz humana pode se tornar um veículo para um discurso divino, além da compreensão humana, como no fenômeno da glossolalia. Neste caso, aquele que ministra o sermão é um instrumento, ou seja, é a voz que irá transmitir àqueles que estão reunidos a mensagem de Deus.

Comparando a paisagem sonora das igrejas apresentadas, a sonoridade presente nas igrejas Assembleia de Deus do Avivamento e da COGIC têm características semelhantes, como igrejas pentecostais, que contemplam diferentes projeções sonoras. Segundo Boone (2013), para os pentecostais o som é como um meio para a manifestação de um processo de estar sintonizado em Deus. O autor classificou os sons em três categorias gerais: emissão vocal, (caracterizado por gritos, risos, glossolalia, palavras de elogio ou afirmação como “Aleluia”, “louvado seja Deus”), instrumental, (que pode ser palmas, instrumentos musicais) e música. Estas categorias estão muitas vezes isoladas ou entrelaçadas compondo a paisagem sonora dos cultos. Para o autor os sons proporcionam transmissão e negociação de um tipo de conhecimento que molda estes cristãos em experiências religiosas fundamentais.



Figura 28- Family Soul e Bispo Ivo no primeiro aniversário da COGIC Luz do Mundo de Alvorada

3.4 Performance negra de adoração e receptividade

Igreja Batista da Brasa Zona Norte (BZN)



Figura 29 - Igreja Batista da Brasa da Zona norte de Porto Alegre, foto postada na página do grupo.

A igreja Batista da Brasa (BZN) está localizada em um bairro de classe média da zona norte de Porto Alegre. A igreja possui um amplo espaço para realizar os cultos e várias salas destinadas a diferentes reuniões ou atividades. É nesta mesma denominação que conheci pela primeira vez o grupo Family Soul em um culto de música negra

gospel, porém a localização era outra, em outro bairro próximo em um templo alugado que queimou em 2015. Logo que se instalaram ali, eu e meu irmão (*in memoriam*) visitamos a igreja, e o pastor Glavan, amigo de décadas de meu irmão, nos mostrou todas as dependências da igreja e compartilhou desejos e projetos futuros. Não imaginei que seria tão difícil pra mim, estar ali naquela ocasião pois, em luto tardio, lembrava de detalhes da primeira vez que estive ali com meu irmão e da relação amigável que ele mantinha com o pastor da igreja.

A igreja BZN desenvolve diferentes ministérios como: grupo de louvor congregacional, ministério de dança (que durante alguns cultos realizam uma performance no momento destinado para o louvor com música), ação social realizada com moradores de rua, nos presídios e no Hospital Conceição, disponibilizando uma casa e alimentação para acompanhantes de pacientes internados que não têm onde se hospedar.

O grupo *Family Soul* foi convidado para participar do culto de santa ceia da BZN, que foi realizado no primeiro domingo de julho de 2017. Eu e minha mãe estávamos saindo de casa para nos direcionar ao local, quando ao sair da garagem estava um homem parado próximo a saída, em um primeiro momento não o reconheci, e assustada sai com o carro e percebi que era um haitiano conhecido da família, e que estava ali aguardando meu cunhado para juntamente irem para a igreja. Meu cunhado tinha se esquecido da combinação e já estava em outra cidade, então o convidamos para ir conosco para a BZN.

Aquela noite de inverno estava muito fria, e nos bancos da igreja havia cobertores para que os membros e visitantes, pudessem se enrolar ou colocar nas cadeiras para se sentar e se aquecer. Quando chegamos, o grupo *Family Soul* já estava cantando e as pessoas em pé interagiam com palmas e cantavam a letra da canção, pois estava sendo projetada do Datashow para que todos pudessem acompanhar.

Além da oportunidade de poder acompanhar a letra da canção, a qualidade sonora se destacava naquele ambiente. O grupo cantava e nitidamente se entendia. O controle digital de saída sonora produzia um efeito diferente em relação às outras igrejas em que se apresentaram repercutindo positivamente no desempenho participativo. Quando em entrevista com Jedielson e Fabrícia, comentei sobre esta questão, eles concordaram e também perceberam a qualidade sonora. Turino (2008) afirma que a qualidade do som é importante para o sucesso de um desempenho e para inspirar maior participação.



Figura 30- Participação do grupo Family Soul na BZN

Nesta igreja, dedica-se um tempo especial para a prática do canto em conjunto, momento em que a congregação tem a oportunidade de, ao mesmo tempo que em grupo, individualmente se colocar diante de Deus através da música, ao invés de somente estar para assistir a uma apresentação. Neste momento, em que é valorizada a participação de todos, é visível os diferentes papéis que cada um exerce na prática musical. Os instrumentistas e os naipes do vocal procuram interpretar os arranjos das canções como a composição original, com espaço para improvisação e interação com a igreja. O grupo permanece em sintonia, após pausas, diálogos e improvisações, retornando no momento certo ao refrão da canção.

Com canto solo e resposta o grupo interagia com a igreja que se mostrava participativa, acompanhando as canções com palmas e movimentos corporais. No primeiro momento cantaram canções *gospel* e soul mais ritmadas, deixando para o final canções com ritmo lento, que preparassem o ambiente para o sermão. Apesar da pouca representatividade negra na igreja e da música negra afro-americana não ser uma prática cotidiana desta denominação, a igreja mostrou prontidão em participar e interagir com o canto. Em outras ocasiões a igreja organiza momentos dedicados ao aprendizado de danças e exploração corporal como expressão de adoração e veículo para propagar a cosmovisão cristã. O evento Ministrat, por exemplo, é um encontro realizado por esta igreja, que contempla performances e oficinas de expressão corporal com o objetivo de utilizar a arte e o corpo em devoção a Deus.

O momento do louvor congregacional, mediado pelo grupo Family Soul nesta igreja, aconteceu de acordo com o que Turino (2008) chama de sincronia: as pessoas

estavam compactuando com a música e performance corporal, vivenciando a prática musical com uma liberdade que refletia na dinâmica interativa do grupo com a igreja.

Segundo Turino:

Os sentimentos sutis de conforto ou desconforto que experimentamos em interações sociais específicas geralmente são baseados nestes sinais, que muitas vezes só sentimos vagamente ao invés de atendê-lo diretamente. Quando as pessoas estão em sincronia, os sinais de sincronia social funcionam como ícones, na medida em que as semelhanças de gesto e movimento levam a uma identificação tácita e assim conforto; a falta de iconicidade leva ao desconforto. Mais importante, a linguagem corporal e os estilos de movimento são frequentemente interpretados como índices próprios, na medida em que são percebidos, por mais vagas que sejam, diretamente afetados pelo humor interior e a natureza da pessoa em questão. É precisamente porque estes sinais são ícones e índices que eles podem operar diretamente e não requerem avaliação simbólica; assim, eles podem permanecer mais baixos na consciência focal e funcionar como sinais "naturais" ou autênticos das pessoas e da situação em questão. Estar dentro ou fora de sincronia com os outros resulta mais no que sentimos do que no que podemos verbalizar sobre uma determinada situação, o que sabemos sobre isso com uma parte diferente de nós mesmos por causa dos tipos de sinais envolvidos. Agora, se questões de sincronia e linguagem corporal são uma constante e importante para as interações diárias, eles têm uma importância ainda mais crucial em eventos de música e dança, onde as questões de ritmo e sincronia são a base da atividade e atenção focal (TURINO, 2008, p. 43).

Quando o pastor assume a direção da reunião ele elogia a performance do grupo e demonstra admiração pela performance de identidade étnico-racial. Segundo integrantes do grupo, sempre quando possível são convidados pelo pastor Glavan para participar em diferentes congregações da igreja Batista da Brasa.

No sermão o pastor conduziu sua fala sobre a importância de mantermos uma vida de santidade e mantermos o compromisso de uma vida cristã no cotidiano de nossas ações. Após, foi compartilhada a santa ceia com todos que estavam ali, e que comungam da mesma fé. A santa ceia é uma cerimônia em memória ao sacrifício de Jesus, onde o pão que é oferecido simboliza o corpo, e o vinho o sangue derramado na morte de cruz, como oferta a toda à humanidade.

No final do culto uma senhora chegou para nosso amigo Adilson, o haitiano, e perguntou se ele havia recebido uma bênção pra vida, ele disse que não. Porém, percebi que esta pergunta tinha sido muito complexa para ele, que não sabia ainda falar o Português fluentemente. Tentei mediar o diálogo, explicando que ele era haitiano, estava há poucos meses no Brasil e não sabia falar português fluentemente. Perguntei se tinha gostado de estar ali, e ele sorriu e respondi que sim.

No trajeto de volta para casa Adilson demonstrou gosto pela reunião e musicalidade do grupo; contou-nos que em seu país ele era católico, mas gostava de estar em diferentes igrejas, e em seu ponto de vista entendia que todas levam a Deus.

Nas diferentes denominações evangélicas para as quais o grupo foi convidado para ministrar o louvor, o principal objetivo era adorar a Deus através da música e de uma performance étnico-racial próximo aos modelos das igrejas cristãs afro-americanas. Os colaboradores sinalizam que não têm a intenção de ser militantes da causa negra no contexto evangélico, mas sim, ter liberdade para utilizar a cultura musical negra em devoção a Deus.

4. COSMOVISÃO CRISTÃ E CULTURAS MUSICAIS NEGRAS

A significativa presença negra nas igrejas evangélicas e os desdobramentos de ações sociais referente ao direito negro têm ampliado o olhar para diferentes possibilidades de pensar e de ser negro, rompendo com o imaginário que define e submete raça a uma única cosmovisão. Diferentes movimentos (a)políticos têm surgido no interior de igrejas com diferentes vieses, sendo que alguns propõem despertar para a sociedade as diferentes cosmovisões negras da diáspora, com discussões e reflexões sobre o tema, e outros investem em agenciar lugar e espaço através das performances musicais e estética negra.

As apropriações musicais de diferentes grupos que se dedicam a performance-musical negra na liturgia dos cultos evangélicos brasileiros escolhem os modelos afro-americanos cristãos para compor seu repertório. A música negra afro-americana cristã e seus cruzamentos com gêneros seculares são referências da possibilidade da cultura musical negra na liturgia dos cultos evangélicos.

O grupo Family Soul tem em sua identidade visual (figura 31) três componentes importantes, que juntos comunicam sua cosmovisão e o sentido de sua prática musical.



Figura 31- Identidade visual do grupo Family Soul

Em uma postagem na página do Facebook do Family Soul, eles parabenizaram o aniversariante Adilson Pero, criador do logotipo do grupo, e apresentaram o significado da imagem. Segundo eles, o designer Adilson conseguiu em uma imagem pequena sintetizar todo o propósito do grupo. As mãos erguidas significam adoração, o cabelo Black Power representa o estilo do grupo, e a cruz no peito remete à mensagem de Cristo. A tríade: música, raça e cristianismo são fatores relevantes na formação da

identidade do grupo, componentes que foram centrais na análise teórico-reflexiva deste estudo etnomusicológico.

Olhar o mundo com lente cristã diverge de outras formas de pensar pela centralidade de sua crença no livro da Bíblia, que coloca Jesus como o único caminho e a única verdade, atuante com Deus e como Deus na criação de todo o universo. Este entendimento e os desdobramentos da cosmovisão cristã nas relações sociais entram em conflito com uma pluralidade de outras formas de pensar.

As experiências de estudos etnomusicológicos que contemplam os significados das canções em sua totalidade despertaram meu interesse em abordar as intenções e sentidos das práticas musicais do grupo *Family Soul*. Alguns exemplos como a obra de Feld (1982), Stein (2009), Prass (2009) abordaram as minúcias existentes nos sons, canções e performances musicais, apresentando a música como uma comunicação consciente com valores e interpretações particulares.

Seeger (2008) entende a importância de um estudo amplo, com diferentes modos de pensar, abordando a música de diferentes lados, com objetivo de começarmos a perceber a totalidade muitas vezes invisível. O estudo etnomusicológico com olhar voltado à cosmovisão em campo evangélico ajuda a compreender o porquê e para quê as pessoas fazem música neste contexto e os significados das performances musicais.

4.1 O que diz nosso som

Pelo que observei em campo, as canções escolhidas pelo grupo *Family Soul* fazem parte do repertório de outros grupos musicais brasileiros, ou ainda, são traduções de composições negro-americanas. A temática segue um discurso devocional, próprio para os momentos em que os cristãos se reúnem para cultuar. Expressões de agradecimento pelo sacrifício na cruz, pela libertação concedida, e de entrega total de suas vidas são entoadas musicalmente e gestos corporais acompanham as canções como que emitindo uma comunicação direta com Deus.

As letras de algumas canções enaltecem o personagem que fundamenta o movimento religioso, centro no cristianismo. A morte e a ressurreição são fatos fundamentais, pois segundo a cosmovisão cristã, a morte sem pecado e a ressurreição de Cristo é o que garante a oportunidade de vida eterna aos que creem. Algumas composições musicais expõem em suas letras esta compreensão de um universo espiritual, as performances em reuniões evangélicas, muitas vezes, exprimem sentimentos através de choro, de palmas, vozes, entre outras expressões vocais e

corporais, como gratidão e júbilo pela oportunidade concedida. Para análise, escolhi como exemplos, as duas composições musicais que Eliezer Felix compôs para serem interpretadas pelo grupo Family Soul. As canções do gênero soul foram interpretadas com harmonia vocal formado pelos sopranos, contraltos e tenores e acompanhado por arranjo instrumental composto por contra baixo, teclado, bateria. A canção *Contigo tenho paz* está registrada em vídeo clip, com solo vocal realizado por Eliézer que também tocava teclado, vocal Family Soul e instrumentistas.

A maior Obra

Family Soul
Letra: Eliezer Felix

*A maior obra já fez a maior de todas já cumpriu pra me salvar, perdoar,
Não a maior provação como a que Jesus passou por mim, por ti, por nós,
Eu não merecia tanto amor, como o que Jesus demonstrou,
La na cruz Ele pagou, por erros que não cometeu,*

*Eu Te agradeço meu Senhor pela minha vida e com louvor quero Te adorar
Eu Te agradeço meu Senhor por tudo que fez e com toda força quero celebrar
Eu Te agradeço meu Senhor pela minha vida e com louvor quero Te adorar
Eu Te agradeço meu Senhor por tudo que fez e com toda força quero Te adorar
Te adorar, Te adorar, Te adorar, Te adorar...*

Ao compor a letra desta canção, o autor expõe elementos centrais da fé cristã como: amor, perdão, pagamento e salvação. Estes elementos, dentro do contexto evangélico, têm significados essenciais que dão sentido a prática religiosa, e que está intrínseco no fazer musical.

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. (João 3:16).

No entendimento cristão todas as pessoas estavam condenadas à primeira morte (física) e à segunda morte (espiritual) que representa a separação eterna de Deus. Para romper com esse curso alguém deveria morrer sem pecar, então Deus habitou entre homens e como homem conseguiu vencer a morte por não ter, durante sua trajetória, nenhum episódio de pecado. A sua ressurreição é a concretização do plano, significando o direito de vida àqueles que comungam deste entendimento, creem, confessam e são batizados.

Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado
(Marcos 16:16).

Na prática religiosa acontece o batismo por imersão em águas, que simbolicamente representa morte e ressurreição do homem. Ao imergir nas águas a velha natureza morre (como Cristo), ressurgindo uma nova pessoa com o direito de vida eterna com Deus. A nova pessoa, a partir deste momento, passa a ter uma visão cristã, conduzindo todas as suas práticas diárias e crenças, baseadas nos ensinamentos que Jesus demonstrou e que estão registrados no livro da bíblia.

Contigo tenho paz

Family Soul
Compositor: Eliezer
Felix

*Contigo tenho paz, contigo estou seguro,
És minha força oh Deus és o meu refugio
Minha canção em meio às lutas
Que me guia no caminho da justiça, e me faz trilhar pelo deserto,
Que eu cresça em Ti, busque a Ti, cresça em Ti
Tu és meu Deus, és meu pai, ninguém me ama como Tu
Mostra o seu poder, seu poder, que a todos faz vencer,
Tu és meu Deus és meu Pai ninguém me ama como Tu
Mostra o seu poder, seu poder, que a todos faz crescer,
Em fé, em fé- 2x*

Já nesta composição o autor expressa através da letra, sua dependência a Deus para vencer os desafios da vida. A segurança, a paz, o refúgio e a orientação são atribuídos como uma mercê concedida por Deus. No vídeo clip que assisti com a interpretação desta canção, um soul com andamento lento, percebi expressões corporais que sinalizavam comunicação direta com o transcendente. A intensão daquela performance era de ser ouvido, de atrair a atenção de Deus para o que eles falavam através da canção.

Outras canções escolhidas para compor o repertório do grupo seguem as mesmas características, com mensagens que contemplam os significados próprios da cosmovisão cristã ou canções que expressam gratidão a Deus, entrega e compromisso com a prática da fé. Composições nacionais e traduções de canções de artistas afro-americanos cristãos são escolhidas para serem interpretadas por eles. A escolha do repertório se dá pelo gênero musical, caracterizadas pelo grupo como *musicas black*, que podem variar

do soul, gospel, spiritual e canções de outros gêneros que são adaptadas a identidade negra (afro-americana) pretendida pelo grupo.

Doce Som

Soul Dreams

*Eu Te amo oh Deus, e com minha voz
Te adorarei oh meu Deus e a Ti
Entoarei e com meu louvor
E que seja um doce, doce o som- 3x
Para Ti*

Meu Senhor Jesus Cristo

*Cantor: Paulo Cezar Baruk
Compositor: Elizeu Costa*

*Meu Senhor Jesus Cristo Nesta hora, aqui estou
Para celebrar Teu nome, Entregar-Te o meu louvor*

*Óh recebe, meu Senhor, O que ofereço a Ti
Abro o meu coração, Dando a Ti, adoração*

*Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia
Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia*

Meu Desejo

*Coral Resgate
Traduçã
o da canção My
Desire do cantor
Kirk Franklin*

*Meu desejo é adorar-Te, levantar as mãos e louvar-Te
Com todo o meu ser, eu quero dizer, meu Desejo é ser como és (2x)*

*Te dou meu viver, tenha-me em Teus braços meu Jesus
E o meu coração, pertence totalmente á Ti Jesus*

*Totalmente Teu, totalmente Teu
Meu Desejo é ser como és*

Te dou meu viver

Meu ser (meu ser)
Minha alma (minha alma)
O controle (o controle)

Eu Te louvo

4.2 Cultura musical negra e a prática da fé

O culto evangélico reúne pessoas que comungam a mesma crença e dedicam tempo para cultivar e fortalecerem-se uns aos outros. A música, nestes contextos, está presente com diferentes temáticas voltadas para a adoração e a edificação dos cristãos. Há igrejas com diferentes modos de organizar este momento, algumas com grupos musicais que preparam repertórios para participação de todos os presentes, outras, com coros que ensaiam repertórios para a apresentação, solos cantados acompanhados de instrumentos musicais ou playback ou ainda, igrejas que reúnem todas estas formas de interagir musicalmente.

A proposta do grupo Family Soul é unir a performance e a musicalidade negra, de gêneros afro-americanos, como gospel e soul, para fazerem parte da liturgia dos cultos. Em conversa com os interlocutores, eles não percebem nenhuma dissonância em relação à cultura performática musical negro-americana e a prática da fé cristã. Percebem sim, preconceitos de alguns cristãos em relação a esses gêneros devido a paradigmas construídos que associam toda manifestação negra a uma cosmovisão profana.

Pinheiro (2007) sinaliza a preocupação de alguns líderes cristãos com as fronteiras entre as cosmovisões e manifestações musico-performáticas que possam estar associadas com outras práticas religiosas. No campo de pesquisa desta autora, realizado com negros evangélicos do estado de Rio de Janeiro, as práticas musicais negras eram autorizadas fora dos templos e sem a associação com a instituição religiosa. Segundo a autora:

Apesar dos argumentos e das tentativas de promotores de validar a “música negra” e a “festa”, ressaltando como contribuem para a disseminação dos evangélicos e contando com o apoio de determinado público, existem críticas e oposições diante do risco de indistinção com o “mundo” (PINHEIRO, 2007, p. 169).

Esses desafios e conflitos variam conforme a denominação evangélica. O grupo Family Soul percebe avanços em relação à aceitação e abertura para a musicalidade negra no contexto evangélico, mas ainda encontra resistências que são sentidas em

alguns ambientes, não somente pela música, mas pela performance corporal, roupas e estética dos cabelos.

Apesar dos embates e resistências que encontram em sua trajetória, eles têm a convicção da liberdade que possuem em dedicar de forma consciente a totalidade de suas ações a Deus com segurança e certeza de não estarem contrariando a vontade de Deus. Esta certeza é sinalizada em suas falas através da aprovação e relação que mantêm com o Espírito Santo, em diferentes momentos de entrevista ou participação nos cultos eles colocam esta divindade como o mediador para aprovação de sua performance musical.

4.3 Musicalidade com liberdade do Espírito Santo

Em alguns momentos, na fala dos colaboradores, estava o compromisso e a relação que tem com o Espírito Santo, que por vezes, parecia ser o fator que os faziam permanecer com a proposta de musicalidade negra e também o diferencial na performance negra que apresentam. Na entrevista com Fabrícia e Jedielson eles expuseram o crescimento que tiveram em relação aos aprendizados musicais e também o conhecimento do que é o Espírito Santo e como é unir a música com a liberdade que o Espírito Santo pode ter em suas vidas. Segundo eles a musicalidade só tem um efeito positivo quando bem aplicadas, se o Espírito Santo estiver junto.

Esta junção da técnica, da musicalidade com a liberdade do Espírito Santo nas nossas vidas é a sincronia perfeita, é quando a gente se sente no céu, imaginando que um dia vai ser assim quando estivermos lá. É algo que a gente não quer parar, que queremos fazer cada vez melhor. Daí, percebemos que precisamos aprender cada vez mais e ao mesmo tempo buscar a presença do Espírito Santo, pra não perder aquilo que já conquistamos. (Fabrícia)

O Espírito Santo é apresentado com diferentes características, consolador, fortalecedor e agente de transformação. Eles entendem que, ao mesmo tempo, que têm experiências significativas com o Espírito Santo e atuam como instrumentos para a ação do Espírito Santo em outras pessoas através da música e da mensagem de suas canções.

Na cosmovisão cristã as pessoas, ao crerem e aceitarem o sacrifício de Jesus, recebem o direito de uma vida eterna com Deus e a presença do Espírito Santo em suas

vidas que se manifesta com qualidades como amor, alegria, paz, domínio próprio (Galatas 5:22). Outra forma de manifestação do Espírito Santo é através de dons que são distribuídos às pessoas conforme for necessário, como: profecia, operação de milagres, cura, sabedoria e falar em outras línguas – glossolalia (1º Coríntios 12: 7-9). Nas igrejas evangélicas o entendimento sobre as manifestações do Espírito Santo tem sido fundamental para caracterizar as identidades das igrejas cristãs. A temática sobre o Espírito Santo é complexa e discutida entre os cristãos, e em algumas denominações há divergência de entendimento sobre o uso e aceitação dos dons. O fator determinante das igrejas evangélicas pentecostais é a aceitação e a liberdade que se dá as múltiplas formas de manifestação do Espírito Santo.

Boone (2013), em contexto evangélico afro-americano, procurou compreender o entendimento cristão em relação ao Espírito Santo. O autor conceitua esta interação como uma imaginação cheia do Espírito, vínculo que molda e alimenta circunstâncias complexas. Ele aborda sete temas percebidos em campo, em relação a esta interação, sendo eles:

Os sete temas são: fé, um acordo, atmosfera, unção, transformação, destino, e poder. Idealmente para crentes cheios do Espírito, *todas* suas ações são caracterizadas por estes conceitos. O “clima de sua vida” é ajustado para Deus ; os seus passos seguem o seu destino; cada uma de suas decisões é feita “na fé”, e assim por diante. Assim, não é só no culto que a imaginação cheia do Espírito tem significado (BOONE, 2013, p. 98).

O autor percebe na fala de seus interlocutores que a prática da vida cristã cheia do Espírito se estende para as ações e decisões do cotidiano, não se limitando às reuniões realizadas nos templos. Nessa perspectiva, quais os encontros e desencontros possíveis com as culturas musicais e a cosmovisão cristã? Qual a liberdade de se expressar com uma performance de identidade étnico-racial em contexto evangélico?

O grupo *Family Soul* entende que conquistaram uma liberdade (de Deus) para se expressar, utilizando a música e o corpo como instrumento de adoração a Deus. Nenhum dos interlocutores do grupo interage com outras cosmovisões e entendem que os mais variados gêneros e instrumentos musicais podem, sim, ser utilizados, desde que sejam convergentes ao entendimento consciente da vontade de Deus.

REFLEXÕES FINAIS

Se não puder voar, corra. Se não puder correr, ande. Se não puder andar, rasteje, mas continue em frente de qualquer jeito.

Martin Luther King

As reflexões finais são um momento intenso onde mentalmente me reporto às experiências vivenciadas em campo e circunstâncias que envolveram a realização deste projeto. Mesmo que a reflexão seja indispensável em todo processo de pesquisa, quando concluimos podemos ponderar toda a conjuntura que envolveu a construção do trabalho.

A minha experiência em campo envolveu momentos complexos: eu estava em um ambiente cristão e com pessoas que comungavam a mesma cosmovisão que a minha, mas a prática e a performance musical eram diferentes, passando pelo desafio de ao mesmo tempo estar afetada tendo que me distanciar para uma reflexão significativa. Eu estava com negros e negras que enfrentavam os mesmos embates raciais na sociedade e no contexto religioso; inseridos em uma conjuntura em que o direito do negro está sendo discutido em diferentes espaços e conquistas estão sendo alcançadas. Também compartilhamos a experiência do luto, pois no mesmo ano, e início da pesquisa, tivemos a perda de alguém importante para nossas vidas, que pra mim, foi o fator mais árduo neste processo.

O meu questionamento inicial era em saber sobre os processos sociais e como o grupo *Family Soul* construiu uma performance musical de pertencimento étnico racial no contexto evangélico. Na *Etnografia da Alma*, onde escolhi transcrever a fala dos interlocutores apresentando sua própria trajetória, como também, nos diálogos, a ideia que tinha de negros que trouxeram para o ambiente cristão experiências musicais do universo secular, se dissipou ao entender que, ao contrário disso, eles cresceram no contexto evangélico e a maioria deles em igrejas históricas em que a relação com a música e o corpo eram pautados em padrões de culturas europeias. O trânsito dos interlocutores em diferentes denominações evangélicas, a comunicação com a cultura musical afro-americana e com os universos da música *gospel*, mediado pelos meios de comunicação, forjaram novas formas de se relacionar com a música e atuar com esta música no contexto evangélico.

Um aspecto que pra mim foi importante visualizar é que o grupo *Family Soul* propôs um novo modelo performático musical para estar inserido na liturgia dos cultos, com uma estética visual e performance musical de pertencimento étnico identitária, não

só para festas, eventos externos, mas para fazer parte do corpo da igreja. Nas diferentes denominações evangélicas que o grupo foi convidado para ministrar o louvor, o principal objetivo, sempre foi adorar a Deus através da música, com performance étnico-racial próximo aos modelos das igrejas cristãs afro-americanas. Os colaboradores sinalizam que não tem a intenção de ser militantes da causa negra no contexto evangélico, mas sim, ter liberdade para utilizar a cultura musical negra em devoção a Deus. Eles percebem que esta liberdade expressiva tem ganhado maior espaço em outros estados brasileiros e que aqui, no Sul, ainda há certa resistência no contexto evangélico, não ao negro, mas na aceitação da música e performance negra como uma expressividade aceitável para adoração.

Em outros estados do Brasil percebe-se no diálogo com negros cristãos o mesmo sentimento do grupo *Family Soul*, contrários a uma consciência de resistência ou ativismo racial, mas o compromisso de levar a mensagem de Jesus através de gêneros e performances musicais, até então, não aceitos como uma prática cristã (Burdick, 2013).

Ao mesmo tempo, que a intenção ativista é negada, a prática musical e performance negra como parte integrante da liturgia do culto provoca inquietações em muitos espaços evangélicos, que são pouco discutidas ou negadas. Segundo Burdick (2013) a presença da igreja nestas discussões tem se mostrado tímida, líderes não apreciam que suas igrejas sejam encorajadas a discutir em público sobre questões de direito negro.

No capítulo *Cosmovisão Cristã e Culturas Musicais Negras* as letras das canções escolhidas pelo grupo vão de encontro com a intenção devocional do momento do louvor, em gêneros musicais da cultura negro americana; os interlocutores não percebem nenhuma dissonância em relação à cultura performático-musical negro-americana e a prática da fé cristã. Percebo que a música negra afro-americana cristã e seus cruzamentos em outros gêneros, tem sido referência de gêneros de uma cultura negro-cristã.

Através da música podemos perceber as diferenças raciais (Radano e Bohlman, 2000) e os imaginários da cultura e performance negra, ainda presos a uma única cosmovisão. A discussão sobre cosmovisão cristã e o entendimento dos interlocutores sobre seu modo de pensar e ver o mundo exemplifica como negros cristãos percebem e constroem relações entre a cultura e a cosmovisão cristã.

Mesmo sem intenção de erguer uma bandeira racial e com um discurso (a)político em suas falas, a presença do *Family Soul* nas igrejas evangélicas do Rio Grande do Sul indica que o espaço evangélico é composto por pessoas que

compartilham a mesma história da diáspora negra, representando uma cosmovisão negro-cristã, e também a possibilidade do negro ser negro em espaço evangélico.

Para este estudo a música foi uma instituição chave (Chernoff 1989) para compreendermos os cruzamentos e as conexões sócio musicais do contexto pesquisado, que abrange uma dimensão local e translocal, rompendo com barreiras territoriais e denominacionais, demonstrando a construção de novos modos de entender e fazer música no contexto evangélico do Sul do país.

Nesta experiência de pesquisa etnomusicológica em contexto evangélico que realizei entre Setembro de 2016 e outubro de 2017, descobri a complexidade do universo cristão, as minúcias das relações sociais e questões históricas que estavam sendo sinalizados pela música e que foi possível compreender através do movimento de distanciamento, projetando o olhar para uma compreensão mais ampla. As vivências em campo, o diálogo com os interlocutores, os seminários do grupo de estudo e as reflexões de autores que realizaram pesquisa em outros grupos sociais, proporcionaram um enriquecimento no meu processo de formação e um olhar sensível aos modos de ser, pensar e agir revelados através da prática musical em diferentes momentos e contextos. Este trabalho pode ser um meio de fomentar outros que poderão ser construídos no contexto evangélico do sul do país, ampliando o estudo etnomusicológico no contexto negro cristão evangélico.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Jorge Alberto Soares; NUNES, Marion Kruse; VILARINO, Maria da Graça Andrade. **A Grande Santa Rosa**. Porto Alegre. Secretaria Municipal da Cultura, 1993.

BOONE, Will. **Hearing Faith: Musical Practice and Spirit-filled Worship in a Contemporary African American Church**. 2013. Tese (Doutorado), Programa de pós-graduação em música, University of North Carolina.

BURDICK, John Samuel. **The Color of Sound: Race, Religion and Music in Brazil**. New York: Ny York University Press, 2013.

BURNIM, Mellonee. Culture Bearer and Tradition Bearer: An Ethnomusicologist's Research on Gospel Music. **Ethnomusicology** n. 29, p. 432-44, 1985.

CHERNOFF, J. M. The relevance of ethnomusicology to anthropology: strategies of inquiry and interpretation. In: DjeDje, Jacqueline (ed.) **African musicology: current trends**. Los Angeles: Univ. of California Press, 1989, vol. 1, p. 59-92.

CUNHA, Magali do Nascimento. “**Vinho Novo em Odres Velhos**”. Um olhar comunicacional sobre a explosão *gospel* no cenário religioso evangélico do Brasil. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo-Escola de Comunicação e Artes- Ciência da Comunicação.

ERLMANN Veit. But What of the Ethnographic Ear? Anthropology, Sound, and the Senses. **Hearing Cultures Essays on Sound, Listening, and Modernity**. New York: Ed. Berg, 2004.

FARIA, Carine Lavrador de. **Música gospel e sociabilidades juvenis: modos de relação com o religioso entre os evangélicos**. Campos dos Goytacazes, 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em Sociologia política apresentado à Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. **Cadernos de Campo: revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP**, São Paulo, vol. 13, n. 13, p. 155-61, 2005.

FELD, Steven. **Sound and sentiment: birds, weeping, poetics, and song in Kaluli expression**. 3. ed. Durham: Duke University Press, 2012 [1982].

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HIRSCHKIND, Charles. **The Ethical Soundscape: Cassette Sermons and Islamic Counterpublics**. Columbia University Press, 2006.

KIDULA, Jean Ngoya. **Music in Kenyan Christianity: Logooli Religious Song**. Indiana University Press, 2013.

LUCAS, Maria Elizabeth. Gaúcho Musical Regionalism. **British Journal of Ethnomusicology**, Vol. 9, No. 1, Brazilian Musics, Brazilian Identities, p. 41-60. British Forum for Ethnomusicology, 2000.

LUCAS, Maria Elizabeth. **Mixagens em campo: etnomusicologia, performance e diversidade musical**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, ano 15, n. 32, p. 129-156. Porto Alegre, 2009.

PINHEIRO, Márcia Leitão. Música, Religião e Cor: Uma Leitura da Produção de Black Music Gospel. **Religião e Sociedade**, n. 27, p.163-180, Rio de Janeiro, 2007.

PINHEIRO, Márcia Leitão. **Na Pista da Fé: música, festa e outros encontros culturais entre os evangélicos do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro 2006. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PRASS, Luciana. **Maçambiques, Quicumbis e Ensaios de Promessa: Um re-estudo etnomusicológico entre quilombolas do sul do Brasil**. Porto Alegre, 2009. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RADANO, Ronald; BOHLMAN Philip. **Music and the Racial Imagination**. Chicago-USA: University of Chicago Press, 2000.

RADANO, Ronald; MARSHALL, Wayne. Musical antinomies of race and empire. In: BOHLMAN, Philip (ed.). **The Cambridge history of world music**. Nova Iorque (EUA): Cambridge University Press, 2013, p.726-743.

SEEGER, Antony. Etnografia da música. **Cadernos de Campo: revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP, São Paulo**, vol. 17, n. 17, p. 237-259, 2008 [1992].

STEIN, Marília Raquel Albornoz. **Kyringué mborai: os cantos das crianças e a cosmossônica Mbyá-Guarani**. Porto Alegre, 2009. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, Hernani Francisco da. **Movimento Negro Evangélico- Um mover do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Ed. Negritude Cristã, 2011.

THOMAS, Turino. Participatory and Presentational Performance. In: **Music as Social Life: The Politics of Participation**. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

VELHO, Gilberto. “O desafio da proximidade”. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (org.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Entrevistas

Fabírcia Felix. Entrevista sobre sua história e trajetória. Porto Alegre, 21 Set. 2017.

Entrevista concedida a Miriam de Oliveira.

Family Soul. Entrevista sobre a história do grupo. Porto Alegre, 26 Out. 2016

Jedielson Felix. Entrevista sobre sua história e trajetória. Porto Alegre, 21 Set. 2017.

Entrevista concedida a Miriam de Oliveira.

Jesse Ramos. Entrevista sobre sua história e trajetória. Porto Alegre, 21 Set. 2017.

Entrevista concedida a Miriam de Oliveira.

GLOSSÁRIO

| | |
|-----------------------|---|
| Belting | Técnica vocal com projeções vocais intensas e agudas. |
| Congregar | Estar unido a uma denominação evangélica |
| Corinhos | Canções curtas e fáceis de memorizar |
| Cosmovisão cristã | Escolha consciente de ver, compreender e se posicionar no mundo fundamentado nos ensinamentos bíblicos. |
| Culto | Momento de devoção a Deus |
| Denominação | Nome atribuído à instituição religiosa evangélica |
| Glossolalia | Dom de línguas, manifestação do Espírito Santo de Deus através do falar em outras línguas. |
| Gospel | Termo utilizado em referência a mensagem de salvação referida na Bíblia. Gênero musical criado por comunidades negras norte americanas. |
| Harpa cristã | Livro com hinos para serem entoados durante os cultos |
| Hinos | Cânticos destinados à devoção a Deus |
| Louvor congregacional | Momento do canto em conjunto com a congregação durante o culto evangélico |
| Louvores | Ato de adorar a Deus, que durante os cultos evangélicos é expresso também através da música. |
| Melismas | Técnica vocal que produz ornamentos para a nota de uma sílaba da canção |
| Neopentecostal | Grupo de Cristão de igrejas pentecostais contemporâneas |

| | |
|----------------|--|
| Pentecostal | Grupo de cristão que compreende e inclui na sua prática a manifestação do Espírito Santo através do dom de falar em línguas estranhas. Faz referência ao dia de pentecoste apresentado no livro bíblico de Atos. |
| Protestantes | Entendimento cristão iniciado pela ação de protesto liderada por Martinho Lutero na Alemanha |
| Sermão | Fala referente a temas bíblicos |
| Solo Sermônico | Canção solo que antecede a fala referente a temas bíblicos |
| Soul | Gênero musical afro-americano que surgiu no cruzamento dos gêneros gospel e rhythm and blues no início da década de 60. |